

**INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**  
**CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

**MIGUEL ARCANJO VIDINHA BANEIRO**

**A INFLUÊNCIA DO PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL DO IFSUL NA  
FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS DAS CASAS DE ACOLHIMENTO DA CIDADE DE  
PELOTAS-RS**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Tecnologias Educacionais no Ensino Técnico e Profissional.

Orientador: Prof. Dr. Marcos André Betemps Vaz da Silva

Coorientadora: Dra. Olga Maria Lima Pereira

Pelotas - RS  
Março 2015

B215 Baneiro, Miguel Arcanjo Vidinha

A influência do Projeto de Inclusão social e digital do IFSul na formação das crianças das casas de acolhimento da Cidade de Pelotas-RS/ Miguel Arcanjo Vidinha Baneiro. – 2015.

88 f.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - graduação em Ciências e Tecnologias da Educação, 2015.

“Orientação: Prof. Dr. Marcos André Betemps Vaz da Silva”.

“Co-orientadora: Profa. Dra. Olga Maria Lima Pereira.”

1. Inclusão digital. 2. Inclusão social. 3. Vulnerabilidade social. I. Título.

CDU – 37:004

Catálogo na fonte elaborada pelo Bibliotecário  
Vitor Gonçalves Dias CRB 10/ 1938

# **INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**

*CAMPUS* PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

## **A INFLUÊNCIA DO PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL DO IFSUL NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS DAS CASAS DE ACOLHIMENTO DA CIDADE DE PELOTAS-RS**

MIGUEL ARCANJO VIDINHA BANEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Tecnologias Educacionais no Ensino Técnico e Profissional.

Membros da Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marcos André Betemps Vaz da Silva (IFSul/CaVG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise do Nascimento Silveira (UFPel)

---

Prof. Dr. Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho (IFSul/CaVG)

---

Prof. Dr. Marcos Antonio Anciuti (IFSul/CaVG)

Pelotas – RS  
Março 2015

Aos meus pais, *in memoriam*, Baldomero Gomes Baneiro e Emília Vidinha Baneiro, que me deram a vida, os ensinamentos de humildade, caráter, honradez e gratidão.

## **Dedicatória**

Dedico esta dissertação, de forma muito especial, aos meus queridos alunos e alunas das Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas, pela oportunidade de conhecê-los e por terem participado e validado esta pesquisa tão urgente em nossa sociedade: a valorização da educação, chegando aos espaços onde seus sujeitos, assim como os demais, têm os mesmos direitos à educação como preconizada pela nossa Constituição Brasileira.

Conviver com vocês, alunos e administradores, foi o que de real permaneceu na minha caminhada de educador. Aprendi, por meio de suas experiências e emoções diárias, que a docência é uma arte a qual, adoçada com vocação, faz-nos perceber a responsabilidade que devemos ter com o outro e a realização de seus sonhos.

## Agradecimentos

A Deus, que permitiu fazer de mim um profissional com o coração solidário e preocupado com outro. Que me moldou por meio de princípios solidários e de gratidão. Pelo espetáculo da vida, apesar de seus atropelos.

A meu orientador, Prof. Dr. Marcos André da Silva Vaz Betemps, por acreditar e ser um constante motivador do projeto que abracei como objeto de pesquisa.

De forma especial, à minha coorientadora, Dra. Olga Pereira, amiga fiel, que esteve ao meu lado em momentos cruciais da elaboração desta dissertação: “tu fostes simplesmente essencial”.

A meu líder e amigo, Prof. Dr. Manoel Porto Júnior, pela compreensão e ajuda que, mesmo num período de recuperação pós-operatório, guiou-me nas primeiras conversas sobre meu pré-projeto.

Aos amigos e professores Nelson Reyes e sua esposa Cláudia, pela dedicação e orientação durante a elaboração do pré-projeto, momento em que tudo são incertezas, mescladas com as possibilidades de concretização de sonhos muitas vezes prejudicados como impossíveis.

Aos Orientadores Educacionais das Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas, que gentilmente se dispuseram a participar das entrevistas, fortalecendo a pesquisa com seus valiosos relatos.

Ao Programa de Pós-Graduação do IFSul, *Campus Pelotas Visconde da Graça*, representado pelo Prof. Dr. Raymundo Filho, pelos momentos partilhados de forma incansável, bem como a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória em prol de uma educação mais humanizada.

Aos amigos e colegas do mestrado, que compartilharam comigo momentos de constante aprendizado e que confiaram a mim a tarefa de representá-los junto ao Comitê de Pós-Graduação. Obrigado, pessoal!

Enfim, a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que este percurso se tornasse algo possível.

***A distância recriada entre o eu e o outro é a mesma que você impõe a Deus. Aprenda a estreitar os laços e a cuidar do outro, assim como você gostaria de ser acolhido. Eis a verdadeira prece que, diferente de conceitos ou religião, o torna realmente um ser em constante sintonia com o Criador.***

**Olga Pereira**

## RESUMO

Este trabalho objetivou analisar como o “Projeto de Inclusão Social e Digital”, desenvolvido no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, em parceria com o Ministério Público Federal e a Secretaria da Cidadania da Prefeitura Municipal de Pelotas, conseguiu proporcionar mudanças significativas na vida de algumas crianças e adolescentes, na faixa etária de nove a dezoito anos, em situação de vulnerabilidade social, abrigadas pelas “Casas de Acolhimento”, na cidade de Pelotas-RS. Durante a realização do trabalho, discorremos sobre a relevância da inclusão digital e os entraves ainda percebidos referentes à democratização da informação como direito de todos. Tais análises, a partir do olhar dos administradores das “Casas de Acolhimento”, fizeram-nos compreender as mudanças comportamentais e as expectativas de futuro desses alunos durante o desenvolvimento do referido projeto. Num segundo momento, partindo das análises das narrativas dos alunos pertencentes ao projeto, percebemos o protagonismo desses sujeitos que, com suas especificidades, validaram a pesquisa que, indubitavelmente, precisa alcançar outros universos e olhares. A partir das informações, narrativas e entrevistas, tanto com os administradores, como com os alunos acolhidos por essas instituições, tivemos condições de não só identificar as mudanças percebidas pelos alunos e alunas pertencentes ao projeto, tais como, autoestima, melhor interação com os demais colegas; sentimento de pertencimento; comportamento, organização; apropriação de conhecimentos de informática como também tecer considerações sobre o impacto do Projeto de Inclusão Social e Digital em suas trajetórias pessoais e no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Inclusão digital. Vulnerabilidade social. Inclusão.



## RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo analizar cómo el "Proyecto de Inclusión Social y Digital", desarrollado por el Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (Pelotas, RS, Brasil) en colaboración con el Ministerio Público de la Federación y de la Concejalía de Participación Ciudadana del Ayuntamiento de Pelotas, podría dar lugar a cambios significativos en la vida de niños y adolescentes de 09-18 años socialmente vulnerables al abrigo de las "Casas de recepción" en la ciudad de Pelotas. Durante el trabajo que llevamos a cabo sobre la inclusión digital y los obstáculos que aún percibimos en relación con la democratización de la información como un derecho de todos. Estos análisis, desde la dirección de la mirada de "Bienvenido a casa", nos hizo comprender los cambios en el comportamiento y las expectativas futuras de estos estudiantes durante el desarrollo del proyecto. En la segunda etapa, basados en el análisis de las narrativas de los estudiantes pertenecientes al proyecto, nos damos cuenta del papel que estos sujetos con sus especificidades validaron la investigación, sin lugar a dudas, necesita llegar a otros universos y miradas. A partir de la información, historias y entrevistas, tanto con los administradores, como con los estudiantes organizados por estas instituciones, pudimos no sólo identificar los cambios percibidos por los administradores y los estudiantes pertenecientes al proyecto, así como algunas consideraciones sobre el impacto del Proyecto de Inclusión Social y Digital en sus carreras personales y profesionales.

Palabras clave: La inclusión digital. La vulnerabilidad social. La inclusión social.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	83
FIGURA 2	83
FIGURA 3	84
FIGURA 4	84
FIGURA 5	85
FIGURA 6	85
FIGURA 7	86
FIGURA 8	86
FIGURA 9	87
FIGURA 10	87
FIGURA 11	88
FIGURA 12	88

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Percentual de domicílios com acesso à Internet por meio de computador e somente por meio de outros equipamentos – Brasil – 2004-2013	19
GRÁFICO 2 – Percentual de pessoas que utilizaram a Internet, segundo as classes de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i> – Brasil, 2013.....	20
GRÁFICO 3 – Proporção de domicílios que possuem equipamentos TIC.....	21

## LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAVG	<i>Campus</i> Pelotas – Visconde da Graça
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CETIS	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Índice de Exclusão Social
IFSUL	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONG	Organização não governamental
PNAD	Pesquisa de Indicadores por Amostra de Domicílio

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>Capítulo1: CAMINHOS E OBJETIVOS</b> .....	15
1.1 Caminhos e objetivos .....	16
1.2 Memorial descritivo .....	26
1.3 Dialogando com os referenciais .....	30
<b>Capítulo 2: CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	35
2.1 Objetivos da pesquisa .....	35
2.2 Metodologia .....	36
2.3 Desenvolvimento do trabalho .....	37
<b>Capítulo 3: A VULNERABILIDADE SOCIAL E OS ABRIGOS</b> .....	40
3.1 Abrigos, casas de acolhimento .....	42
3.2 As casas-lares em Pelotas .....	44
<b>Capítulo 4: RELATOS, ANÁLISES E REFLEXÕES</b> .....	45
4.1 As vozes dos administradores das Casas de Acolhimento sobre as mudanças percebidas nos meninos e meninas durante o Projeto de Inclusão Social e Digital...	45
4.2 Análise dos entrevistados (orientadores).....	61
<b>Capítulo 5: AS VOZES DOS ALUNOS DAS CASAS DE ACOLHIMENTO SOBRE O PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL: NARRATIVAS, SONHOS E POSSIBILIDADES</b> .....	62
5.1 Relatos dos alunos e análises .....	62
5.1.1 Análise das vozes dos alunos e alunas das Casas de acolhimento sobre o Projeto de Inclusão Social e Digital no IFSul .....	73
5.2 A aprendizagem através da música .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78
<b>ANEXOS</b>	
<b>Anexo I</b> Entrevista com os administradores das Casas de Acolhimento.....	81
<b>Anexo II</b> Questionário aos alunos participantes do Projeto de Inclusão Social e Digital	82
<b>AnexoIII</b> .Imagens.....	83

## Introdução

Há cem anos, ninguém imaginava que o desenvolvimento tecnológico nos daria a alcunha da Sociedade da Informação. Agora temos uma infinidade de soluções digitais cada dia mais surpreendentes e avançadas. Entretanto, devemos estar atentos para não nos iludirmos confundindo progresso com pirotecnia. Se esse conhecimento não for compartilhado pela sociedade como um todo, corremos o risco de ratificarmos o abismo que separa os ricos dos pobres (BAGGIO, 2000, p.16).

Conforme sinalizado por Baggio (2000, p.16), “se o conhecimento não for compartilhado pela sociedade como um todo, corremos o risco de ratificar o abismo que separa os ricos dos pobres”. Foi pensando por esse viés que abraçamos o projeto, que consiste em uma parceria do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Ministério Público Federal e Secretaria da Cidadania da Prefeitura Municipal de Pelotas. O objetivo delineado foi proporcionar às crianças oriundas das Casas-lares de Pelotas acesso à Inclusão Digital como ferramenta capaz de contribuir para o seu processo de formação, desenvolvimento intelectual, profissional e social. Vale ressaltar, evitando, dessa maneira, alguns pré-julgamentos equivocados, que não se trata de um trabalho de caridade, e sim, de uma ação social pensada de forma mais abrangente, onde o bem coletivo é priorizado. Dessa forma, o projeto traz em si esse diferencial: contribuir e investir na sociedade em prol de um futuro mais digno e com mais equidade.

Não podemos desconsiderar que, ao longo da execução do referido projeto, muitos obstáculos foram detectados e, nessas horas, a adequação para suprir tais dificuldades se tornou uma tarefa coletiva e compartilhada com os sujeitos envolvidos. Entre elas, podemos citar: a diferença de idade e de escolaridade dos sujeitos; a adaptação aos conteúdos desenvolvidos e as próprias dinâmicas de um dado planejamento que, não raras vezes, precisou ser revisitado para que sua funcionalidade se tornasse pertinente. No entanto, nada nos impediu de abraçar esse sonho coletivo que, de tão sonhado, tornou-se um diferencial na vida desses sujeitos e na sociedade pelotense.

O prazer de um dever cumprido encontrou suas respostas através dos sorrisos, esforços e superação desses alunos e alunas que, de forma singular e encantadora, ensinaram-nos muito mais através de suas trajetórias e sonhos.

O gratificante de tudo isso foi percebê-los de volta à vida e ao mundo que, não mais solitário e desassistido, transformava-se em constantes perspectivas refletidas num futuro possível.

## **Capítulo 1**

### **CAMINHOS E OBJETIVOS**

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico: por sua forma de organização em rede; pela flexibilidade e instabilidade de emprego e da individualização da mão-de-obra. Por uma cultura da virtualidade real construída e a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado (CASTELLS, 2003, p.17).

#### **1.1 Caminhos e objetivos**

A palavra inclusão, em seu sentido mais amplo, abarca a possibilidade de fazer a diferença, seja essa direcionada a um determinado sujeito ou à coletividade. No entanto, somos cômicos de que nem sempre esse processo inclusivo se dá de forma harmônica e tranquila. Muitas são as barreiras enfrentadas ao longo de um projeto que traz em sua essência a possibilidade de inserção desses sujeitos tanto na sociedade como no mercado de trabalho. Portanto, quando delimitamos como objeto de pesquisa analisar como as crianças e adolescentes das Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas-RS se percebiam como autores durante o projeto de Inclusão Social e Digital oferecido pelo IFSUL e demais parcerias já citadas anteriormente, fomos movidos por um olhar de alteridade, atualmente tão esquecido em nossa sociedade.

Compreendemos, acima de qualquer outro tipo de convencimento, que saber olhar a inclusão além de um sentido meramente poético significa perceber que os sujeitos inseridos em um determinado projeto precisam ser valorizados em seu complexo identitário, não como algo fragmentado, fadado ao esquecimento e ao descaso. A valorização desses sujeitos significa, portanto, compreender suas limitações, considerando, sobremaneira, suas trajetórias de vida fortemente marcadas pela exclusão em seu sentido mais amplo. Portanto, o caminho delimitado para a análise desse projeto busca superar o frio elencar estatístico que, na ânsia de transformar em dados de fácil compreensão a vida desses sujeitos, aprofunda o olhar em direção daquilo que não pode ser percebido através de dados estatísticos:



a motivação e a expectativa de cada aluno diante de um projeto apresentado como possibilidade de inserção até então considerada utópica e fadada ao fracasso.

Não devemos desconsiderar que a inclusão digital e social vem sendo pauta obrigatória no cenário político, nacional e internacional. Pensada e motivada através de ações, projetos e programas diversos, a inclusão começa a fazer parte de uma agenda específica tanto no Brasil como no mundo. Concebe-se, entretanto, que devido à distribuição desigual entre pobres e ricos o acesso às tecnologias fica também prejudicado. Segundo dados da OXFAM(Organização Britânica que combate a pobreza): A fatia de 1% da população mundial vai concentrar mais riqueza do que os 99% restantes do planeta até o ano de 2016. Para Winnie Byanyima, uma das mediadoras em painéis do Fórum Econômico Mundial de 2016, ressalta o quanto essa explosão das desigualdades está retardando a luta contra a pobreza. De maneira enfática questiona:

“O fracasso em lidar com a desigualdade vai atrasar a luta contra a pobreza em décadas. Os pobres são atingidos duas vezes com a desigualdade<sup>1</sup>”.

Tais afirmativas são lastimáveis, uma vez que a busca pela efetivação e democratização da informação tem sido bandeira erguida em prol da minimização das diferenças ainda percebidas na sociedade. No entanto, é necessário compreender que estamos vivendo um novo tempo onde a tecnologia cada dia mais marca sua presença alterando e modificando cenários antes não pensados, corroborando com ideias de Manuel Castells (2007).

Verifica-se que Tecnologia da Informação tem contribuído para a redução das desigualdades em várias vertentes, como exemplo, consideramos notícias recentes da ONU informam que a Agência promoveu em março de 2016, em Paris, a Semana da Aprendizagem por Tecnologias Móveis<sup>2</sup>. Evento reuniu especialistas, representantes do governo e do setor privado para discutir papel das novas tecnologias portáteis de informação na promoção da educação inclusiva e de qualidade.

---

<sup>1</sup><http://brasileconomico.ig.com.br/mundo/2015-01-20/riqueza-global-esta-nas-maos-de-1-da-populacao-diz-estudo.html>

<sup>2</sup><http://www.unesco.org/new/en/unesco/themes/icts/m4ed/mobile-learning-week/>

Alguns resultados positivos em relação a esse olhar de igualdade de oportunidades vêm sendo desenvolvidos da mesma forma por meio do trabalho de algumas ONGs (Organizações Não Governamentais) e governos que, apesar de tantos esforços, não conseguem reverter o impacto da pobreza diante dos avanços tecnológicos. Por mais que saibamos que promover o acesso à tecnologia é uma maneira singular de abrir as portas para um novo mundo, o primeiro passo é estendê-la a todos, respeitando suas especificidades. Tal contexto desejável significa a humanização da própria educação.

Um questionamento que aqui elencamos se torna recorrente: como romper ou reduzir a pobreza a partir das novas tecnologias? Tal inquietação se sustenta a partir do contexto e causas da miséria que, olhada com responsabilidade e preocupação com o outro, jamais poderá ser considerada como barreira ou exclusão social. Devemos pensar a partir de políticas pública se de uma educação inclusiva que, utilizando-se da tecnologia, fortaleça o papel da escola como espaço onde o sentimento de pertencimento e inclusão social sejam os verdadeiros balizadores de uma educação capaz de minimizar as desigualdades sociais tão presentes em nossa sociedade. A superação ou minimização dessas desigualdades significa enfrentar essas carências e, acima de tudo, posicionar-se assumindo responsabilidades diante de uma sociedade na qual a vontade política se resguarda ainda nos bastidores, ignorando seus pares.

A exclusão digital não se dá somente por ausência de acesso físico a computadores ou a acessórios e conexões, mas também a recursos adicionais, que permitam o uso adequado da tecnologia por si. Esses recursos são de outra ordem que, passando pelo esforço da comunidade em compreender as necessidades reais de seus usuários, devem ser pontuadas: conteúdo relevante e de acordo com o idioma do grupo; grau de instrução da população e capacidade de leitura de seus sujeitos e suas especificidades (EMYGDIO, 2004).

Apesar de estarmos vivendo o verdadeiro século da tecnologia, quando o acesso à comunicação se realiza por meio de aparelhos eletrônicos cada vez mais eficientes, nem todas as pessoas têm acesso a tais benefícios. Segundo pesquisa de Lucimar Goulart da Costa Araújo, intitulada *O processo de inclusão digital no Brasil: avanços e lacunas* (2015),

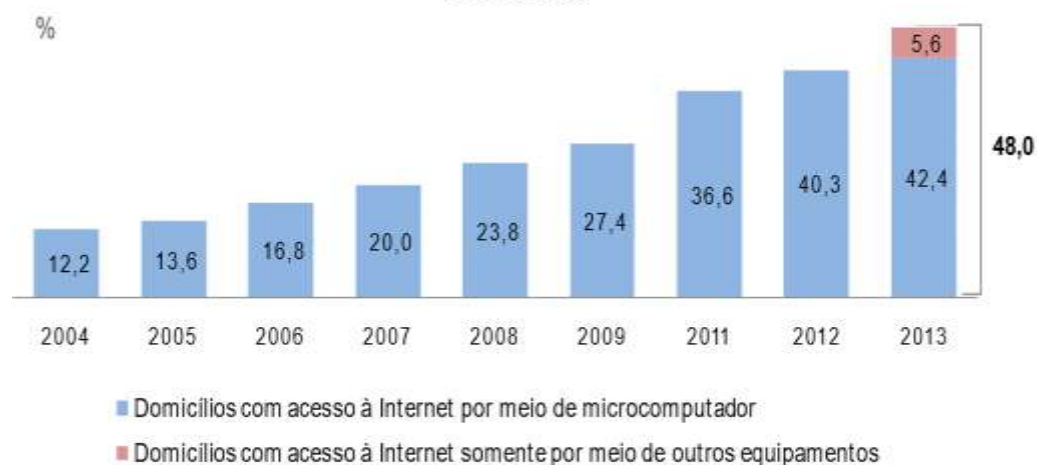
[...]não são todos que têm a possibilidade de estar em contato com estas tecnologias, seja por falta de infraestrutura, como, por exemplo, luz elétrica ou linha telefônica ou por não terem possibilidade financeira para adquirir computadores.

Neste sentido, os determinantes econômicos e sociais são fatores decisivos para uma maior possibilidade de conexão à Internet, e conseqüentemente participação do mundo globalizado, fatores estes como: renda, idade, grau de instrução, dentre outros. (ARAÚJO, 2015, p.27)

Portanto, é importante compreendermos as várias formas de exclusão digital que norteiam o universo de possibilidades ou entraves ainda percebidos sobre o prisma da inclusão versus exclusão recorrente. Para Warschauer (2006, p.25), “para se ter inclusão digital é necessário dar não apenas um computador ligado à Internet, mas o conhecimento de como utilizá-lo.” Tal conhecimento subentende várias vertentes, tais como condições financeiras, sociais e educacionais. Apesar de vários entraves ainda percebidos relacionados ao acesso à Internet no Brasil, notamos que o percentual está crescendo, o que, em outras palavras, representa o reflexo da tecnologia cada vez mais significativo na vida das pessoas. Segundo quadro abaixo, fornecido pelo IBGE, podemos refletir sobre tais percentuais.

Gráfico 1

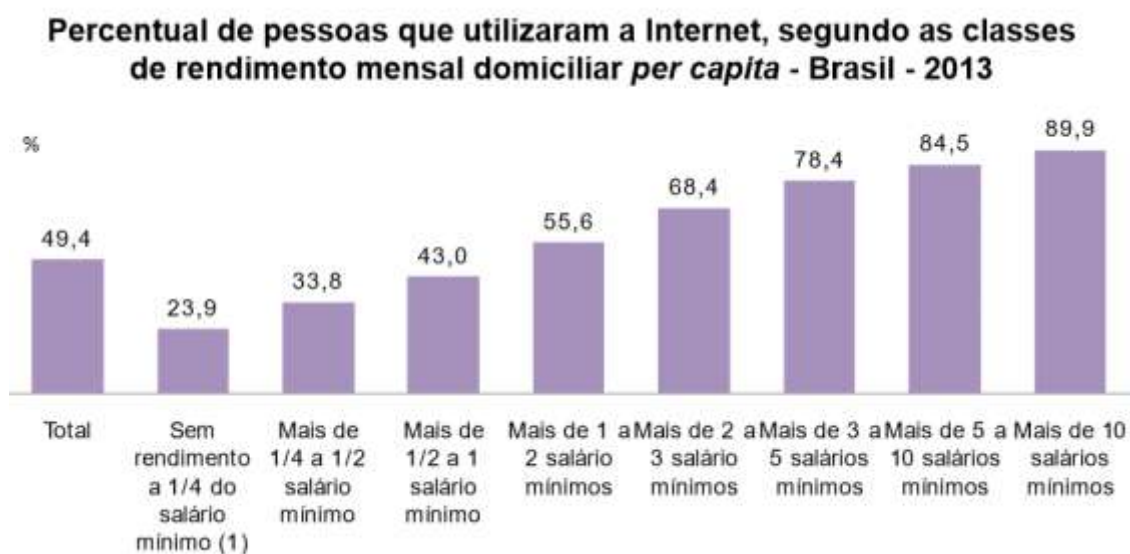
**Percentual de domicílios com acesso à Internet por meio de microcomputador e somente por meio de outros equipamentos - Brasil - 2004/2013**



Fonte: IBGE, 2015

Analisando o gráfico acima, podemos observar um crescimento significativo do uso da Internet no século XXI. Vale, portanto, refletir sobre quem são esses sujeitos, classe social e poder aquisitivo. Por isso, o quadro abaixo nos fornece dados relevantes sobre o acesso à Internet sobre o prisma da realidade e poder aquisitivo desses sujeitos. Novamente, recorreremos às estatísticas do IBGE que, de forma bastante pontual, comprovam o quanto o poder aquisitivo interfere no acesso à Internet e suas múltiplas tecnologias.

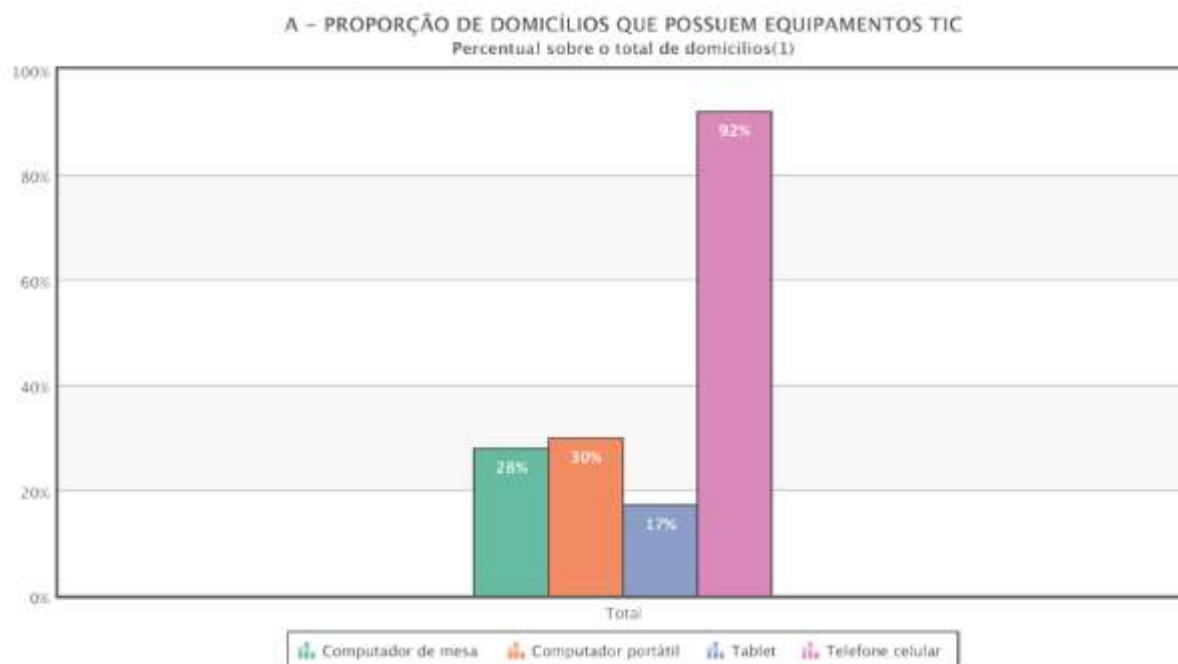
Gráfico 2



Fonte: IBGE, 2015

Muito teríamos a discorrer sobre dados e estatísticas que comprovam as diversas faces da exclusão social. No entanto, não é nosso objetivo esmiuçar tais realidades, uma vez que precisaríamos de um segundo projeto capaz de contextualizar com fidelidade os fatores sociais que tanto têm contribuído para a construção de uma sociedade cada vez mais desigual. Portanto, deixamos essa missão para CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), criado em 2005, e que representa um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cgi.br). A CETIC fornece estatísticas que, juntamente com as análises do IBGE, citadas anteriormente, contribuem para uma visão panorâmica da sociedade brasileira e suas diversas nuances. Como exemplo, apresentamos o gráfico:

Gráfico 3



Percentual sobre o total de domicílios  
(1) Base: 19211 domicílios.

Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br)

Percebe-se, por outro lado, que o complexo conceito da exclusão social não aparece como um fim em si mesmo, encerrando uma simples dualidade entre incluir e excluir, muito pelo contrário, adota-se a concepção de que existem processos geradores de velhas e novas formas de exclusão social, permitindo constatar distintas e simultâneas manifestações da pobreza: analfabetismo, baixa escolaridade, desigualdade de renda, desemprego, aliadas à violência infantil, muitas vezes silenciada e engavetada.

Quando falamos em Exclusão Digital, não podemos deixar de mencionar a Exclusão Social, pois ambas encontram-se relacionadas. Algumas questões sobre o Índice da Exclusão Social, quando comparadas ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o IES (Índice de Exclusão Social) trazem consigo consideráveis subdimensões: condições econômicas, sociais e políticas dos países. Ou seja, a partir das contextualizações referentes a subdimensões elencadas, custa-nos crer na pouca efetivação de políticas públicas capazes de modificar cenários tão deprimentes.

A exclusão digital, pelas características do contexto supracitado, precisa ser pensada além da crescente virtualidade. Precisamos considerar criticamente os

demais sujeitos que, mesmo diante de tantos amparos legais, ainda se encontram à margem de uma sociedade despreparada para conviver com os diferentes. Precisamos derrubar essas muralhas e construir mais pontes entre o eu e outro. Precisamos crescer através da convivência com os diferentes e, através desse exercício diário de alteridade, perceber até que ponto continua sendo acolhido o apelo consumista em detrimento do humano.

Nesse sentido, é de supor-se que o acesso a esses equipamentos de conexão com a Internet seja franqueado a um número cada vez maior de pessoas. No entanto, é necessário um urgente repensar em relação ao futuro desses sujeitos já tão bombardeados por tecnologias dinamicamente descartáveis.

A exclusão digital tem sido o *Apartheid* da informação. E tal afirmativa nos faz compreender o abismo das contradições de um mundo que se diz tão pós-moderno, mas que ainda se encontra recheado de sequelas que desumanizam constantemente seus sujeitos. Temos que pensar a tecnologia como amparo ao outro e não como muleta ou privilégio de alguns. Uma tecnologia que aqui definimos como “a tecnologia do bem”.

Por isso, quando nos deparamos com os dados sobre exclusão digital nas escolas do Brasil (Censo 2003), ou seja, apenas 3,2% das escolas públicas de Ensino Fundamental e 10% de Ensino Médio possuem acesso à Internet e, em contrapartida, 39% das escolas privadas de Ensino Fundamental e 58,9% de Ensino Médio possuem acesso à Internet; tais percentuais, sem dúvida, leva-nos a repensar o papel da própria educação. Se a educação é de fato direito de todos, tais dados por si só já promovem uma exclusão escancarada e injusta. Transformar tais realidades, ainda que de forma tímida, é uma forma de acordar a sociedade e seus gestores para juntos validarem o sentido de igualdade tão preconizado na Constituição.

Percebo que a busca pela validação desses direitos irá nos fazer compreender outras complexidades presentes no contexto da inclusão digital que, longe de elencar infinitas estatísticas e mapas das desigualdades sociais de forma dispersa, precisa compreender que a exclusão digital carrega em seus ombros também a responsabilidade da evasão escolar e suas implicações. Tais implicações irão refletir no mercado de trabalho, onde esses sujeitos irão se deparar com algumas dificuldades, tais como: adaptação ao ambiente empresarial; perda de

tempo na execução de determinadas tarefas; demora na execução e produção de mercadorias, acarretando perdas de clientes e marketing empresarial prejudicado por não atender à demanda do mercado globalizado, cada vez mais exigente. A exclusão no marketing digital hoje é considerada uma grande perda para a empresa, uma vez que a divulgação de seus produtos acompanha a velocidade das redes que se mantém conectadas 24 horas por dia.

Com o objetivo de traçar um panorama que vamos chamar, neste trabalho, de *apartheid* digital no Brasil e formular um documento de referência na definição de estratégias para a solução desse problema, a organização não governamental denominada Comitê para a Democratização da Informática (CDI) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizaram a pesquisa sobre o Mapa da Exclusão Digital<sup>3</sup>. Lançado em abril de 2003, o estudo mostra que a exclusão digital acompanha o mapa da redistribuição de renda no País. Enquanto no Distrito Federal 23,87% dos moradores têm acesso ao computador, no Maranhão o grau de inclusão digital é de apenas 2,05%. É bom lembrar que tais índices são relativos a 2003, ou seja, tais percentuais, quando trazidos para a atualidade, com certeza, são muito mais significativos e díspares.

O mapa serve para um planejamento estratégico sobre o assunto, para entendermos como e porque está se dando a exclusão digital. Não há como planejar ações sem informações focadas e organizadas. De acordo com uma projeção de estudo que utiliza dados do Censo 2000 e da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad, 2001), cerca de um milhão de brasileiros passam a ter acesso a um computador a cada três meses. Se não trouxermos tais contextualizações para as discussões contemporâneas onde o projeto busca seu fortalecimento, estaremos apenas divagando sobre uma teoria considerada cada vez mais distanciada dos menos favorecidos.

Temos que pensar a inclusão digital como direito a ser acolhido por todos, independe de fatores como raça, classe social e poder aquisitivo. Se tantos sujeitos têm acesso ao mundo digital, é papel da educação e dos educadores questionarem os porquês de o fator excludente ser ainda tão significativo em nosso país. Precisamos validar a inclusão através de práticas pedagógicas capazes de transformar a vida de tantas crianças e jovens que ainda se encontram fora da

---

<sup>3</sup> <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/MID/Site/PanoDeFundo/Internet/Internet29.pdf>

escola. A inclusão precisa ter esse olhar singular, caso contrário, estaremos apenas usando uma palavra bonita sem nenhum tipo de eficácia.

Faz-se necessária uma política urbana voltada para jovens em situação de risco social que, juntamente com os excluídos pelo fator raça (índios, negros e pardos), continuam sendo os mais excluídos. Não podemos desconsiderar que esses *apartheids* raciais e digitais caminham de mãos dadas no Brasil, ou seja, diante da bandeira da dita e frágil democracia racial, as condições de educação e emprego desses sujeitos estão muito distanciadas. No entanto, vale aqui ressaltar que tais dados referentes à etnia não são os priorizados em nossa pesquisa, portanto, tais reflexões não serão aqui pormenorizadas.

O estudo ainda avalia os índices de exclusão digital na escola, considerando o tempo de estudo. Em nossa opinião, a melhor forma de combater o *apartheid* social em longo prazo é investir nas escolas, de modo que os alunos possam ter acesso desde cedo às novas tecnologias.

Todavia, além de ter computador nas escolas é preciso também capacitar os alunos e os profissionais que irão trabalhar com esses sujeitos. Não adianta ter um laboratório de informática e não poder usá-lo ou manuseá-lo rotineiramente.

A temática da Inclusão Digital e do uso da Internet de forma ampliada, tanto para atividades educativas, como para a economia, lazer, pesquisa, entre outros fins, é algo que vem sendo discutido com maior peso na atualidade. Então, o que poderia motivar tal interesse? Alguns argumentos poderiam responder a tal indagação como, por exemplo, o novo contexto mundial, no qual o tempo e o dinheiro ditam as regras; a praticidade e a pressa na execução de tarefas em curto espaço de tempo e geração de lucros; ofertas de oportunidades de trocas e de negociações de forma instantânea.

A Internet chega para proporcionar rapidez, versatilidade, agilidade. A importância da associação das escolas a novas tecnologias visando acompanhar as mudanças econômicas são corroboradas por Bourdieu, ao constatar que:

É preciso, então, analisar a relação entre as leis de transformação do campo de produção econômica e as leis de transformação do campo de produção dos produtores, ou seja, a escola e a família, sendo que a escola tende a ocupar um lugar cada vez mais importante na medida em que o aparelho



econômico se desenvolve e ganha uma complexidade cada vez maior (BORDIEU, 2008, p.130).

Para Bourdieu (op. cit.), há uma incorporação muito grande de “capital cultural” nas máquinas, impelindo o trabalhador a buscar mecanismos voltados para a formação continuada e maior especialização. Diz ainda o autor (p.130) que “Em um estado do modo de produção em que é muito grande o capital cultural incorporado nas máquinas e nos produtores que fazem funcionar as máquinas, o sistema de ensino torna-se a instância dominante de produção dos agentes”. No trabalho de Gilda Olinto do Vale Silva, intitulada “Capital Cultural, classe e gênero em Bourdieu”, a autora nos fala um pouco mais sobre o capital cultural defendido pelo autor:

O capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações aos gostos e atividades culturais. Além do capital cultural existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder (SILVA, p. 24, 1995).

Posso afirmar que na prática tive que constatar boa parte dessa realidade quando, em 2007, ao trocarmos os computadores da Fundação do então CEFET Pelotas(FUNCEFET) e doarmos os equipamentos às Casas-lares de Pelotas, percebi que tanto as crianças quanto os jovens moradores dessas casas não sabiam usar um computador, pois nunca se haviam deparado com o contato direto com tal ferramenta.

Percebi, naquele momento, que poderia então contribuir para diminuir tal estatística através de uma parceria CEFET, Ministério Público e Prefeitura de

Pelotas, quando então montamos o curso de inclusão digital com os meninos e meninas das Casas-lares.

Posso afirmar que o trabalho de pesquisa, que ora abracei de forma coletiva, vem carregado por um olhar responsável e de alteridade, pois, independente da taxa de sucesso alcançada por esses sujeitos, os dados de insucesso e evasão, da mesma forma, foram contextualizados considerando o universo de vulnerabilidade social onde se encontravam inseridos.

## 1.2 Memorial descritivo

Desde minha adolescência, sempre me solidarizei com as dificuldades das pessoas e nunca deixei também de nutrir um carinho especial pelos animais que, assim como nós, sofrem os mesmos abandonos. A aptidão pelas exatas, o que para muitos é tido como barreira da aprendizagem, fez com que compartilhasse esses saberes com colegas e vizinhos de forma muito prazerosa. Ficava encantado pela forma carinhosa por meio das quais eles retribuía tais ensinamentos, pois era comum receber fatias de bolos feitos por suas mães; ovos de galinha etc. Mas a minha maior alegria e satisfação era ouvi-los dizer euforicamente: “eu passei na prova!” Creio que tais encantamentos advindos da simplicidade aos poucos vão fortalecendo nossos ideais e nos fazendo trilhar trajetórias num espaço ainda desconhecido, chamado futuro.

Para que possam compreender o significado de toda essa travessia discorrerei um pouco sobre mim e a instituição onde exerço minha docência há mais de 34 anos.

Segundo Memorial do Instituto (<http://www.ifsul.edu.br/historico>) o mesmo carrega em seu DNA uma trajetória de quase um século, cuja história começou a ser escrita no início do século XX, através de ações da diretoria da *Bibliotheca Pública Pelotense* que, em 7 de julho de 1917 - data do aniversário da cidade de Pelotas - sediou a assembleia de fundação da *Escola de Artes e Offícios*. Esta escola se caracterizava por ser uma sociedade civil, cujo objetivo era oferecer educação profissional para meninos pobres. O prédio foi construído, mediante doações da comunidade, em terreno doado pela Intendência Municipal.

As aulas tiveram início em 1930, quando o município assumiu a *Escola de Artes e Offícios* e instituiu a *Escola Technico Profissional* que, posteriormente, passou a denominar-se Instituto Profissional Técnico, cujos cursos compreendiam grupos de ofícios divididos em seções: Madeira, Metal, Artes Construtivas e Decorativas, Trabalho de couro e Eletro-Chimica. João Py Crespo, intendente Municipal que viabilizou o funcionamento da Escola, doou seus vencimentos para esse fim, exemplo que foi seguido pelo primeiro diretor, Sylvio Barbedo e pelo primeiro grupo de professores.

O Instituto Profissional Técnico funcionou por uma década, sendo extinto em 25 de maio de 1940, e seu prédio demolido para a construção da Escola Técnica de Pelotas.

Em 1942, através do Decreto-lei nº 4.127, de 25 de fevereiro, subscrito pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro da Educação Gustavo Capanena, foi criada a Escola Técnica de Pelotas – ETP –, a primeira e única Instituição do gênero no estado do Rio Grande do Sul. O engenheiro pelotense Luiz Simões Lopes foi o responsável pela vinda da Escola para o município, através de sua intercessão pessoal junto ao Ministério da Educação e ao Presidente da República.

A ETP, inaugurada em 11 de outubro de 1943, com a presença do presidente Getúlio Vargas, começou suas atividades letivas em 1945, com cursos de curta duração (ciclos). Neste primeiro ciclo do ensino industrial, os cursos estabelecidos foram de Forja, Serralheria, Fundição, Mecânica de Automóveis, Máquinas e Instalações Elétricas, Aparelhos Elétricos, Telecomunicações, Carpintaria, Artes do Couro, Marcenaria, Alfaiataria, Tipografia e Encadernação.

Em 1959, a ETP é caracterizada como autarquia Federal e, em 1965, passa a ser denominada Escola Técnica Federal de Pelotas, adotando a sigla ETFPEL.

Com um papel social muito forte e reconhecidamente destacado na formação de técnicos industriais, a ETFPEL tornou-se uma Instituição especializada e referência na oferta de educação profissional de nível médio.

Em 1998, a Escola Técnica Federal de Pelotas começa a efetivar sua atuação no nível superior de ensino, tendo obtido autorização ministerial, após parecer favorável do Conselho Nacional de Educação, para implantação de Programa Especial de Formação Pedagógica, destinado à habilitação de professores da educação profissional.

Em 1999, através de Decreto Presidencial, efetivou-se a transformação da ETFPEL em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas – CEFET-RS, o que possibilitou a oferta de seus primeiros cursos superiores de graduação e pós-graduação, abrindo espaço para projetos de pesquisa e convênios, com foco nos avanços tecnológicos.

Em 29 de dezembro de 2008, foi criado, a partir do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, com sede e foro na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, nos termos da Lei nº 11.892, com natureza jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense é formado por 14 câmpus: câmpus Pelotas - Visconde da Graça (1923), câmpus Pelotas (1943), câmpus Sapucaia do Sul (1996), câmpus Charqueadas (2006) , câmpus Passo Fundo (2007), câmpus Camaquã (2010), câmpus Venâncio Aires (2010), câmpus Bagé (2010), câmpus Santana do Livramento (2010), câmpus Sapiranga (2013), câmpus avançado Jaguarão (2014), câmpus Gravataí (2014), câmpus Lajeado (2014) e câmpus avançado Novo Hamburgo (2014).

Como podemos observar, através da história do Instituto , o mesmo sempre teve um papel social muito forte e reconhecido, portanto, o projeto que está sob análise e escolhido como tema para o meu curso de Mestrado em Ciências e Tecnologia na Educação, oferecido pelo IFSul – Campus Pelotas Visconde da Graça, de certa forma vem ao encontro de suas bases fundantes: um olhar mais atento sobre o papel da escola como mecanismo de inserção social. Detalhes mais minuciosos a respeito de todo o processo que envolve a história do instituto pode ser encontrado no livro “ Das artes e ofícios à Educação Tecnológica, 90 anos de

História”, de Meireles (2007), constante nos referenciais bibliográficos dessa pesquisa.

Pois bem, em 1971, comecei o Curso Técnico em Eletrônica, na Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), o qual concluí em dezembro de 1973. Já na vida adulta, quando profissional das telecomunicações, em 1974, tornei-me interlocutor/mediador entre meus colegas e nossa chefia. Em todos os momentos onde essa mediação ocorria, sempre procurei lutar e defender os direitos da nossa classe.

Após nove anos fora, retorno a Pelotas e ingresso no magistério em janeiro de 1982, na mesma instituição de ensino onde me formei como técnico, Escola Técnica Federal de Pelotas. Além do ensino de conteúdos programáticos, durante muito tempo, fui Professor-Conselheiro de diversas turmas de alunos

Em 1998 concluí o curso de Graduação em Licenciatura Plena para Magistério em Disciplinas Específicas do 2º Grau, no CEFET do Paraná. Dando continuidade à minha qualificação acadêmica, tornei-me Especialista em Educação Tecnológica em 2005. Em 2007, durante uma visita nas Casas Lares, acabei me deparando com a realidade de vulnerabilidade social das meninas e meninos dessas casas. Posso afirmar que foi naquele momento que percebi o que era realmente o sentimento de exclusão social vivido por aqueles sujeitos.

A partir daí, com a ajuda de alguns colegas, busquei incansavelmente uma forma que pudesse amenizar ou tentar modificar a realidade dessas crianças e adolescentes. Foi quando começamos a desenvolver o **Projeto Inclusão Social e Digital nas Casas-lares de Pelotas**.

Durante o período de desenvolvimento do projeto, a educação profissional e tecnológica sofre nova mudança e em dezembro de 2008 são criados os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia, nos termos da Lei nº11.892, com natureza jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação.

Em 2014, ingressei no Mestrado Profissionalizante do IFSul, *Campus Pelotas – Visconde da Graça*, onde descobri a singular oportunidade de poder discorrer sobre o Projeto das Casas-lares que tanto me encantou e contribuiu para que me tornasse uma pessoa melhor, ou seja, mais sensível com as dores do outro.

Sete anos depois, vendo-os adultos, trabalhando e estudando, vejo o quanto aprendemos mutuamente através do Projeto de Inclusão Social e digital e o quanto essa iniciativa fez a diferença, em suas vidas e nas nossas, enquanto educadores.

O projeto foi tão significativo em suas trajetórias de vida que, em suas entrevistas recentes, fazem questão de dizer: “o projeto não pode parar!” tem que alcançar outros jovens, aprimorando suas aprendizagens para o mercado de trabalho tão competitivo. Eis os ideais que sempre me definiram como homem e educador :o bem do outro e a valorização de sua autoestima e cidadania.

### 1.3 Dialogando com os referenciais

A palavra “sujeito” traduz a concepção da criança e do adolescente como indivíduos autônomos e íntegros, dotados de personalidade e vontades próprias que, na sua relação com o adulto, não podem ser tratados como seres passivos, subalternos ou meros “objetos”, devendo participar das decisões que lhe digam respeito, sendo ouvidos e considerados em conformidade com suas capacidades e grau de desenvolvimento (PNCFC, 2007, p. 28)<sup>4</sup>

Não podemos desconsiderar que toda pesquisa que tenha como objetivo explorar as formas diversas de inclusão do ser humano na sociedade requeira uma reflexão mais cuidadosa. Tal reflexão se refere aos modos de interpretar as vozes desses sujeitos que, independente de estatísticas de sucesso e insucesso, precisam também apontar e aprofundar sobre tudo aquilo que não pôde ou não quis ser quantificado. Eis a recompensa mais encantadora percebida na área das humanas: a certeza de que, durante a pesquisa, pesquisadores e pesquisados mantêm suas trajetórias entrelaçadas.

Portanto, para que pudéssemos analisar como o Projeto de Inclusão Social e Digital desenvolvido pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, antes CEFET, em parceria com o Ministério Público Federal e a Secretaria da Cidadania da Prefeitura Municipal de Pelotas modificou a vida de algumas crianças e adolescentes na faixa etária de nove a dezoito anos em situação de vulnerabilidade social abrigados pelas “Casas de Acolhimento” na cidade de Pelotas – RS; escolhemos como

---

<sup>4</sup>Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária

fundamentação teórica os seguintes autores: Paulo Freire que, de modo muito particular, faz-nos refletir sobre o verdadeiro papel da educação e dos educadores.

A ênfase que Paulo Freire dá à educação como processo libertador também nos faz perceber a responsabilidade que devemos ter em relação a esse outro que nos constitui como sujeitos singulares. Para Paulo Freire “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (2013, p. 71).

A visão de Paulo Freire (2013) sobre o sentido de comunhão e de diálogo tão necessários nas relações humanas jamais deve ser desconsiderado, pois, somente com essa aproximação positiva com o outro, a confiança entre ambos é conquistada. Para Freire:

Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente. Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. (FREIRE, 2013, p. 113).

É justamente nessa perspectiva que definimos o objetivo do nosso trabalho que, antes de qualquer menção conclusiva sobre os dados coletados, jamais desconsiderou o sentimento de alteridade que nos une como sujeitos de uma mesma caminhada. A alteridade aqui proferida e tão necessária nas relações humanas é amplamente desenvolvida na filosofia do pensador e filósofo russo Bakhtin que – com a grandiosidade de seu olhar, nunca indiferente do outro e sobre o outro – fez-nos perceber constantemente essa cumplicidade responsiva. Bakhtin(2009) nos faz também compreender sobre o papel responsivo que nos cabe como sujeitos singulares, ou seja, para o autor precisamos sempre intervir, agir e nos posicionar constantemente. Temos, conforme sinalizado por Bakhtin, que promover no outro a certeza da cumplicidade do olhar, pois:

Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas

para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa (BAKHTIN, 2009, p. 154).

Analisar como o projeto de Inclusão Social e Digital modificou a vida de algumas crianças e adolescentes das “Casas de Acolhimento” na cidade de Pelotas – RS exige esse olhar permanente de alteridade, bem como a compreensão profunda da educação como processo transformador e libertador. Paulo Freire nos faz refletir sobre o quanto é importante pensarmos a educação como processo capaz de transformar o mundo em algo melhor com pessoas melhores. A educação que se fortalece através da preocupação e da humanização do outro e que, quando não é vista através desse olhar se torna apenas uma forma de adestramento que, aprisionando o outro, tira do mesmo a possibilidade de seu crescimento pessoal, profissional e social. Paulo Freire, no livro *Pedagogia da autonomia*, diz:

É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando (FREIRE, 1996, p. 33).

As palavras de Freire nos remete ao pensamento de Bourdieu quando nos fala sobre a relação entre as condições materiais de existência (capital econômico), a estrutura socioinstitucional e a individualidade, Bourdieu (2001) é levado ao conceito de *habitus*. O *habitus* configura-se como um sistema ímpar de disposições para a ação, desenvolvido por cada um em virtude da posição que ocupa na estrutura social. Nas palavras de Bourdieu (2007), o *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (p. 191).

No Ensaio Teórico de Cláudio Márcio de Araújo e Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira intitulado “Contribuições de Bourdieu ao tema do desenvolvimento adolescente em contexto institucional socioeducativo”, os autores discorrem com muita propriedade sobre o conceito de *habitus* defendido por Bourdieu:



Dessa forma, a situação de risco e de vulnerabilidade, bem como as condições objetivas do *habitus*, não cristalizam nem determinam o desenvolvimento da criança e do adolescente expostos a ela. Antes, tornam-se uma via de conhecimento de como características de uma pessoa podem influenciar, ao mesmo tempo em que são influenciadas, em suas interações, escolhas, posicionamentos e perspectivas futuras (ARAÚJO, 2013, p. 222)

Acreditamos que, em se tratando dos meninos e meninas das Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas, o projeto de inclusão social e digital conseguiu perceber claramente as perspectivas de futuro e o quanto foi importante a interação desses sujeitos e a elevação de sua autoestima. O sentimento de pertencimento observado nesses alunos/as durante a realização do projeto nos fez recorrer às sábias palavras de Bourdieu quando se refere ao gosto como determinante da relação de reciprocidade com o outro:

E o gosto se destaca entre os outros tipos de disposições socialmente determinadas: "o gosto é o princípio de tudo o que temos (pessoa e coisas), de tudo o que somos para os outros e é através dele que classificamos e somos classificados". (BOURDIEU, P. 1979, p. 59)

Pesquisar na área das humanas traz essa particularidade, ou seja, o outro pesquisado precisa deixar de ser esse outro, pois a alteridade não permite escalas de subordinação. Pesquisar na área das humanas usando como fundamentação teórica os modos de pensar de Paulo Freire (1996) e Mikhail Bakhtin (2009) é compreender que, durante a trajetória de toda a pesquisa, os pesquisados e também o pesquisador são simultaneamente interrogados. Para Bakhtin (2009):

O simples fato de que a partir de meu lugar único no ser eu veja, eu conheça o outro, eu pense nele, eu não o esqueça, o fato de que para mim também ele é, eu sou único a poder fazê-lo para ele em um momento possível em todo o ser. É precisamente o ato do vivido real em mim que completa seu

ser, ato absolutamente aproveitável e novo, e que eu sou o único a poder efetuar (BAKHTIN, 2009, p. 35).

As reflexões de Mikhail Bakhtin(2009), Bourdieu(1979) e Paulo Freire(1996) se enquadram perfeitamente nos objetivos de nossa pesquisa, porque nos provocam a refletir não só sobre os benefícios do Projeto de Inclusão Digital ofertado para um determinado grupo de crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social e, sim, sobre o que não pode ser quantificado. Refletir sobre o silenciado, ou, melhor dizendo, sobre aquilo que não pode ser transformado em estatísticas requer uma dose constante de preocupação com o outro. Exige, acima de tudo, um constante deslocar-se do objeto pesquisado que, aparentemente inerte na clausura dos fatos, clama por romper o silenciamento de uma imposição social que os marginaliza diariamente.

O grande desafio da pesquisa é compreender os não ditos desses sujeitos que, independentemente dos possíveis benefícios do curso ofertado, precisam validar suas trajetórias de vida que estão em constante processo de mutação. Diante do exposto e fazendo uso das palavras de Bakhtin (2009, p. 159), o mais importante é que “jamais esqueçamos que, na arquitetura que a vida simboliza, nunca existirá a figura do arquiteto, pois com toda propriedade ressalta o autor, somos todos apenas inquilinos de um mesmo edifício”.

## **Capítulo 2**

### **CAMINHOS DA PESQUISA**

Quando se pergunta a eles: “Para onde seu barco está navegando?” eles respondem: “Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico...” E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo (ALVES, 2012, p. 76).

#### **2.1 Objetivos da pesquisa**

Para o desenvolvimento do projeto de pesquisa aqui apresentado, definimos o seguinte objetivo geral: analisar a contribuição do Projeto de Inclusão Social e Digital promovido pelo IFSul e desenvolvido nas Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas-RS para o processo de socialização e inclusão de crianças e adolescentes encontradas em situações de vulnerabilidade social e com vastos históricos de maus tratos físicos e/ou psicológicos, tais como: abuso sexual e uso de drogas, dentre outros.

#### **Os objetivos específicos foram assim elencados:**

- a) Identificar o impacto do Projeto de Inclusão Social e Digital presente nas quatro “Casas de Acolhimento” da cidade de Pelotas-RS tanto na formação dos meninos e meninas das casas quanto na percepção dos administradores e orientadores educacionais;
- b) Analisar como os administradores das Casas de Acolhimento perceberam a relevância do projeto ofertado para crianças e adolescentes em total situação de vulnerabilidade social;
- c) Compreender, através da voz dos alunos envolvidos no referido projeto, o impacto resultante da “Inclusão Digital” como ferramenta promotora da inserção social e da igualdade de oportunidades.
- d) Apresentar como produto final deste trabalho todas as informações sobre o projeto “Projeto de Inclusão Digital e Social Destinado as Crianças e Adolescentes Abrigadas nas Casas de Acolhimento”, para que possa servir de

auxílio a outros colegas que desejarem desenvolver importante iniciativa no processo de inclusão social.

O presente projeto de pesquisa buscou analisar a contribuição do Projeto de Inclusão Social e Digital nas Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas-RS como possível processo de transformação do conhecimento em prol de políticas públicas que priorizem o acesso à educação a crianças fragilizadas pela vulnerabilidade social. Outro fator que contempla o objetivo maior da pesquisa diz respeito à contribuição que o projeto trouxe não só para a sociedade, mas, acima de tudo, para os sujeitos que, de forma tímida ou pontual, tiveram suas trajetórias de vidas modificadas.

## **2.2 Metodologia**

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido através de um estudo teórico e empírico, uma vez que teve embasamento em levantamentos bibliográficos que tratam sobre a relevância da inclusão digital como ferramenta inovadora no campo educacional e, empírica, na medida em que buscou compreender os impactos resultantes do projeto a partir das narrativas dos sujeitos analisadas através da técnica de entrevista. Por isso, ressaltamos a importância da Metodologia que, segundo as palavras de Demo (1987):

Metodologia é um instrumental. Trata-se das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia (DEMO, 1987, p.19).

O levantamento de dados é outro caminho que foi priorizado durante a pesquisa, porque compreendemos, tal como bem sinalizado por GIL(1994), “que esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela abordagem direta sobre as pessoas ou grupos cujo fenômeno se deseja conhecer”. Para o autor, esse tipo de pesquisa é capaz de promover para o pesquisador o verdadeiro conhecimento da realidade

vivenciada pelos sujeitos por ele escolhidos. No entanto, é de notório conhecimento perceber que toda pesquisa científica não poderá ser fundamentada apenas por meio do olhar ou da expectativa dos sujeitos, portanto, para que as análises dos dados fossem aprofundadas com a devida obediência às normas pré-estabelecidas para trabalhos dessa natureza, optamos por uma abordagem de caráter qualitativo.

Para Gil:

Estes dois processos (análise e interpretação de dados), apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros acontecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1994, p. 166).

Tendo em vista que o objeto de pesquisa partiu de uma análise do Projeto de Inclusão Social e Digital nas Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas-RS, achamos pertinente o olhar de Lakatos e Marconi(2003) sobre a relevância da pesquisa qualitativa inserida neste trabalho. Para os autores:

a pesquisa qualitativa se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo análise mais detalhada sobre os hábitos, atitudes, tendências, dentre outros aspectos que envolvem os atores investigados (LAKATOS & MARCONI,2003,p. 269).

Com relação aos objetivos da pesquisa, já elencados anteriormente, devemos classificá-la, tal como bem sinalizado por Gil (1994), como exploratória e descritiva, uma vez que, para o autor:

As pesquisas exploratórias objetivam desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias [...] proporciona uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato [...] buscam a descrição das

características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 1994, p.44).

Trivinõs (1987) complementa o pensamento de Gil (1994) acerca da importância da pesquisa descritiva quando nos diz “que se trata de estudos que objetivam ao conhecimento da comunidade, população ou fenômeno, seus traços, problemas, hábitos, relações, dentre outros”.

Para a obtenção e análises de dados referentes aos propósitos da pesquisa, o recurso metodológico selecionado foi a técnica da entrevista. Tal escolha teve como objetivo contemplar maior relevância aos questionamentos pretendidos pelo pesquisador em relação a seus sujeitos. Vale ressaltar que para Gil (1999, p.118), tal recurso é muito abrangente, pois apresenta muitas vantagens, tais como:

- a) Possibilitar a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado;
- b) Oferecer flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista;
- c) Captar a expressão corporal e facial do entrevistado, bem como a tonalidade de sua voz e ênfase nas respostas.

### **2.3 Desenvolvimento do trabalho**

A pesquisa foi desenvolvida por meio de quatro capítulos, obedecendo à seguinte descrição: introdução, onde discorreremos sobre a inclusão social e digital e os entraves ainda percebidos referentes à democratização da informação; num segundo momento, analisamos como os administradores das “Casas de Acolhimento” foram percebendo as mudanças comportamentais e as expectativas de futuro desses alunos durante o Projeto de Inclusão Social e Digital; num terceiro momento e, de posse das entrevistas dos sujeitos definidos pela pesquisa, identificamos as mudanças por eles percebidas. Num quarto e último momento, tecemos as considerações sobre o impacto do projeto de inclusão Social e digital na trajetória desses alunos.

Com os administradores das Casas de Acolhimento foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Proposta inicial no Anexo I), pois nela o entrevistador ficaria mais à vontade para progredir qualquer situação a variados destinos que julgasse necessários; isso, de certa forma, consiste em analisar um horizonte maior de uma determinada questão. Normalmente, as perguntas foram abertas e possibilitaram respostas que se encaixaram em um diálogo informal e perfeitamente aceitável partindo desse princípio. (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Já com as crianças e adolescentes, aplicamos os questionários (Proposta inicial no Anexo II) que, além de possibilitar o elencamento de vários dados e pessoas, simultaneamente, oferece mais liberdade nas respostas devido à preservação de seu anonimato. Lembrando que a utilização dessa técnica não dá o direito de o entrevistador influenciar nas respostas de seus entrevistados. Outro dado relevante é justamente o tempo maior para suas respostas, o que possibilita reflexões por demais singulares e relevantes dos sujeitos envolvidos. Esse processo, porém, exige um cuidado na seleção das questões, levando em consideração sua relevância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas (LAKATOS; MARCONI, 2003). Cabe salientar que, durante todo o desenvolvimento do projeto, a identidade e informações dos menores foram mantidas em total sigilo, tal como preconizado pela ética presente em toda pesquisa científica desenvolvida com humanos.

### Capítulo 3

#### A VULNERABILIDADE SOCIAL E OS ABRIGOS

Neste capítulo, abordamos algumas especificidades das casas de abrigos que merecem ser compartilhadas em prol de um benefício social, além da pesquisa propriamente dita.

Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, bem como as próprias e alarmantes desigualdades sociais, não devem mais ser encaradas como suficientes para explicar as situações de risco e abandono em que ainda vivem milhares de crianças e adolescentes em nosso país. Tais justificativas apenas têm contribuído e propiciado uma taxa alarmante de marginalização, exclusão e perda dos direitos fundamentais do homem e de sua humanidade. Tais situações repousam principalmente sobre os fenômenos de vulnerabilidade social, ruptura e crise identitária pelos quais tem passado a sociedade. O fortalecimento das redes sociais, na medida em que mantém sobre si o monopólio da globalização, na contramão, contribui para um forte sentimento de solidão e vazio de existência dos sujeitos.

As crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são aquelas que vivem negativamente as consequências das desigualdades sociais; da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância à vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de perspectivas de entrada no mercado formal de trabalho; da entrada em trabalhos desqualificados; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao



consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas (ABRAMOVAY et. al., 2002).

Tal como preconizado pelos autores supracitados e, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei no. 8.069/90), a falta de recursos materiais por si só não constitui motivo suficiente para afastar as crianças e adolescentes de seu convívio familiar, encaminhá-los para serviços de acolhimento ou inviabilizar sua reintegração (Art.23). Como forma de complementar o estipulado no artigo supracitado, consideramos pertinente pontuar o justificável no Artigo 22 do referido Estatuto: O afastamento apenas é justificado quando o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores é descumprido, conforme estipulado no Artigo.22.

Portanto, para se trabalhar com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, marcados pelo abandono ou afastamento do convívio familiar, deve-se compreender, antes de tudo, que esta “vulnerabilidade” aborda diversas modalidades de desvantagem social, mas, principalmente, a fragilização dos vínculos afetivos, relacionais, de pertencimentos sociais ou relacionados à violência.

As contextualizações de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com o sentimento de autoestima bastante comprometido e fragmentado. Esses jovens e suas famílias assumem como atributos negativos e pessoais as falhas próprias de sua condição histórico-social. De forma circular e quase inevitável, esse ciclo se instala reforçando sua condição de miséria, tanto social como afetivamente falando. Tais sujeitos, desde muito jovens, percebem-se como inferiores, incapazes, desvalorizados, sem o reconhecimento social mínimo que os faça crer em seu próprio potencial como ser humano. Todas essas questões sociais devem ser consideradas no trabalho desenvolvido com pessoas que estão inseridas nesse contexto de vulnerabilidade, uma vez que as mesmas exercem forte influência sobre o comportamento das famílias e da comunidade em geral.

### 3.1 Abrigos, casas de acolhimento

Vi que nem toda a dor sentida é perdida, quando do meu coração quebrado pelos amores frustrados juntei os cacos e fiz um mosaico de vida.

Samuel Auerbach

Crianças e adolescentes têm o direito à convivência com sua família e comunidade, de modo que possam se desenvolver plenamente como seres humanos e cidadãos. Proteger e fortalecer os vínculos familiares e comunitários têm sido desafios constantes do Estado e da sociedade brasileira. Diante do cenário atual de desigualdades sociais, que tanto tem interferido nas relações humanas, podemos verificar os danos causados na vida e no cotidiano das pessoas que se encontram vulneráveis e desamparadas em diversas vertentes de uma sociedade que se diz inclusiva e democrática.

A história social da criança, do adolescente e da família tem sido marcada pela dificuldade da família em proteger e educar seus filhos, constituindo-se em núcleos familiares vulneráveis e suscetíveis a riscos pessoais e sociais. Frente a essas incapacidades, a família e seus membros devem receber apoio e proteção do Estado e da sociedade, na garantia da manutenção e do direito ao convívio familiar e comunitário. A Assistência Social, como política de proteção social, deve garantir atendimento às crianças e aos adolescentes que, por uma série de fatores, não contam mais com a proteção e o cuidado de suas famílias, estando os vínculos ameaçados ou rompidos. Assim, essas crianças e adolescentes, por se encontrarem em situação de risco, são afastados da sua família e da sua comunidade (Brasil, 2004) e acolhidos em instituições que promovam a sua proteção integral até o momento em que a possibilidade de retorno ao seio familiar realmente se efetive.

O abrigo é a sétima medida de proteção prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e que deve ser aplicada sempre que os direitos da criança e do adolescente forem ameaçados ou violados.

As instituições de abrigamento são espaços destinados a acolher crianças e adolescentes afastados da família de origem por ordem judicial e que aguardam a definição de sua custódia. Seu funcionamento é coordenado por uma equipe técnica multidisciplinar composta por uma equipe técnica, com psicólogos, assistentes

sociais, pedagogos, e uma equipe de apoio, formada por pais sociais, zeladores, motorista, jardineiro, cozinheiro, entre outros (Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e da Juventude do Distrito Federal).

No Artigo 92 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), consta que o dirigente do abrigo atua como guardião das crianças, sendo responsável por elas no período em que se encontram institucionalizadas. De acordo com Patiño, Francischini e Ferreira (s/l), as modalidades de acolhimento podem variar conforme a idade e as particularidades das crianças e adolescentes em: casa-lar, república, casa de passagem e albergues. Conforme descrito na Lei 12.010, de 29 de julho de 2009, no Art. 101, 1º parágrafo, “o acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta...”. Não implica privação de liberdade, mas amparar a criança e o adolescente no cumprimento de suas necessidades básicas e em sua reinserção social. Consiste em um serviço de proteção integral, que inclui moradia, alimentação, higiene, educação e lazer.

No caso em que haja necessidade de a criança ou de o adolescente ser afastado do seu meio familiar e comunitário, a medida de proteção e abrigo devem respeitar os princípios de brevidade, excepcionalidade e provisoriedade, priorizando a reintegração ou reinserção familiar, garantidos na legislação vigente (Brasil, 1990a, 2004, 2006). Além disso, o abrigo deve ser utilizado em situações transitórias, como a colocação da criança e do adolescente em família substituta (BRASIL, 1990a). Violência intrafamiliar, pobreza, inexistência ou ineficácia de políticas públicas que contemplem ações voltadas para a família e que potencializem como referência podem ser arroladas como algumas das causas do afastamento de crianças e adolescentes da família e de seu abrigamento. O uso da medida abrigo tem-se configurado mais como uma política de atendimento, que põe em risco a aplicabilidade dos princípios legais do Estatuto da Criança e do Adolescente, violando, por exemplo, o direito à convivência familiar e comunitária, do que propriamente servido para a proteção efetiva das crianças e dos adolescentes, considerados sujeitos de direitos e “prioridade absoluta” (Brasil, 1990a) no país.

Tanto essa medida como as demais citadas anteriormente ao abrigamento envolvem a inclusão da família, da criança e do adolescente em programas,

projetos, serviços e benefícios que devem estar assegurados nas políticas públicas comprometidas com a garantia dos direitos básicos de todos os cidadãos, em particular, das crianças e dos adolescentes.

### **3.2 As casas-lares em Pelotas**

Os Abrigos Institucionais da Prefeitura de Pelotas perfazem um total de sete casas de acolhimento que abrigam meninas e meninos de zero a 17 anos que, em sua maioria, sofreram maus tratos ou abuso sexual dos familiares. Sete lares, onde a atenção, o carinho e o desenvolvimento são dispensados a esses sujeitos que, desde pequenos, defrontaram-se com o sofrimento e a exclusão no sentido mais cruel da palavra. São lares onde a atenção, o carinho e o desenvolvimento são dispensados a esses sujeitos que, desde tenra idade, já sentiram na pele e no coração o peso da exclusão social e afetiva.

Até dois anos atrás, 2013, eram 150 crianças e adolescentes; hoje são no máximo 70. Isso se deve ao trabalho desenvolvido pela equipe técnica dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) que, conjuntamente, desenvolvem ações inclusivas visando à reinserção de cada um(a) deles(a) em seus lares de origem. Outro grande auxílio são as audiências concentradas, que acontecem de seis em seis meses em cada uma das casas. “As audiências agilizaram os processos jurídicos, pois contam com a presença de todas as entidades como Conselho Tutelar, Juiz da Infância e Juventude e Promotor de Justiça e que decide a partir de cada situação”, explicou a Gerente de Complexidade e Coordenadora dos abrigos.

## Capítulo 4

### RELATOS, ANÁLISES E REFLEXÕES:

#### 4.1 As vozes dos administradores das Casas de Acolhimento sobre as mudanças percebidas nos meninos e meninas durante o Projeto de Inclusão Social e Digital

Este capítulo objetivou analisar os relatos e reflexões dos administradores e orientadores educacionais das Casas-lares de Pelotas sobre o papel do orientador dentro da casa; a postura dos alunos antes e depois do Projeto; o impacto social do Projeto na cidade, bem como na autoestima dos meninos e meninas e, por último, verificar se houve relatos de situações pontuais ocorridas durante o curso. Tais análises foram realizadas a partir de seus depoimentos, conforme perguntas abaixo relacionadas:

A primeira pergunta teve por objetivo saber o que significou ser um orientador(a) educacional da Casa, suas angústias diante dos problemas que cada menino ou menina carrega consigo, suas obrigações enquanto responsável por esses espaços e os resultados de seu trabalho.

**Pergunta 1:** Para você, o que representa ser administrador e ou orientador educacional de uma Casa de Acolhimento?

**Orientadora 1:** *Atualmente estou como chefe de setor, antigamente era administradora da Casa de Acolhimento, hoje a nossa função é chefe de setor, que é a mesma coisa, só mudou o nome. Eu estou trabalhando com os meninos há treze anos no cargo de educadora e como administradora há oito anos. Administrar uma casa de Acolhimento é uma responsabilidade muito grande, porque na verdade eu acabo sendo a mãe deles no momento em que eles estão aqui, pois eu respondo juridicamente por eles. Além disso, eu respondo por todo o andamento e planejamento das Casas.*

*A nossa responsabilidade é gigantesca assim, eu digo que a minha responsabilidade é maior aqui com eles do que com minha própria filha. Aqui com os guris a gente tem que ter um cuidado muito grande, então, quando a gente abraça essa causa realmente, a gente tem que estar aberta, porque se não acaba*

*respondendo processo. É uma série de situações... eu já tive que responder processo em função de fuga de meninos, dar explicações ao Juiz, em audiência. Então é assim, mas é muito bom trabalhar com eles, mexe com o emocional de cada um que está aqui dentro e às vezes a gente não tá preparado, porque o que acontece? As crianças que vem pra cá vem em questão de maus tratos né... Eu tenho meninos que foram abusados pela mãe que pra mim foi um choque assim, eu nunca tinha ouvido falar de uma mãe abusar de um menino.*

*A gente tem que estar preparado tanto mentalmente, quanto fisicamente pra lidar com as situações que aparecem diariamente aqui no abrigo, então é complicado assim, mas é bom assim, a gente acaba recebendo mais do que dando pra eles, a gente cresce com eles, porque eu digo na idade deles eles passaram coisa que nós não passamos e nem vamos passar, né? Então, a gente tem que ... Eu sempre digo pros meus funcionários assim, primeiro vocês têm que saber um pouquinho da história deles, que a gente não abre toda, mas o que pode se passar a gente passa pros funcionários... Mas vocês têm que saber um pouquinho da história pra entender aquele comportamento no momento, não justificando o comportamento errado da criança, mas tentando entender o porquê que o fulaninho tá tendo aquele comportamento, ver qual era a situação que ele vivia antes, porque daqui a pouco ele vai descontar em nós aqui, ainda mais nós figura feminina, geralmente os guris descontam, porque eles tiveram a rejeição da mãe, muitas vezes porque a mãe resolveu ficar com um cara que não é o pai e aí esse cara maltratava eles, então, de certa forma, eles descontam em nós enquanto mulheres, então isso a gente tem que ter um cuidado assim... Isso é bem bacana, o pessoal que tá comigo já tá há bastante tempo, então já sabe como lidar com os guris, de vez em quando tem algumas questões específicas, mas a gente trabalha e vê "olha o fulaninho é assim por isso, por isso e por isso, vamos tentar de outra forma" e aí o trabalho vai engrenando assim, mas é bem legal mesmo.*

**Educadora 2:** *Bom, sou educadora da casa, trabalho na Casa dos Meninos 2 há 14 anos (garante que, apesar de algumas dificuldades, dá pra se viver, e bem, no local). Eu aqui limpo a casa, às vezes vou pra cozinha e pra lavanderia, como educadora social ensino eles a serem organizados. Ganhamos o suficiente, mas não estamos aqui por acaso, é uma missão.*

*Gostaria de salientar a importância dos vínculos criados, tanto com as crianças quanto com os colegas. Meu filho vem aqui e diz que é a nossa segunda casa, criamos vínculos de respeito, acostumamos com as manias dos outros, mas o mais gratificante é a gente vê eles lá fora, bem, trabalhando ou em uma família que escolheu eles pra dar o que faltou em algum momento da vida.*

**Educadora 3:***... Sou orientadora educacional e trabalhei nas casas de Acolhimento de 2007 até 2011, era administradora da Casa-Lar das Meninas, que tinham entre 12 e 18 anos de idade. As demandas eram muitas, desde o controle dos alimentos, refeições, banho, limpeza da casa, roupas, brigas, choros, tudo, era bastante complicado, mas as educadoras nos ajudavam bastante. As meninas tinham que ser preservadas, não podiam entrar em chat, face, inclusive no If elas colocaram fotos no face e eu até comentei com o promotor, mas ele disse que tudo bem, pois era fora da casa. Eu também entendia que, para elas, era o momento de se sentir incluída nas redes sociais, quando entravam no face, pois era o único momento, no final da aula, que tinham contato com o mundo globalizado. Eu sempre estava preocupada, tomando todos os cuidados necessários pra que elas não passassem por nenhuma situação de risco até porque quem iria responder judicialmente era eu. Mas era satisfatório, eu gostava. Nosso maior problema era a dificuldade com o transporte da prefeitura para levá-las nos projetos que participavam, pois acabavam faltando diversas vezes, mas eu aprendi muito... tu ficas mais tolerante, paciente, amável, mas também me indignava muito quando via que outros setores faziam pouco caso. Elas eram como filhas, até hoje mantenho contato com muitas, é uma parte de mim... risos... emoção... é isso.*

**Educador 4:***Bom dia, trabalho há 15 anos, sou do tempo do FMAPEL né, imagina quantos anos isso? Eu sou orientador social, mas faço um pouco de tudo, ajudo os meninos nas tarefas, ajudo na limpeza da casa, na organização dos meninos para irem aos cursos, acompanho eles quando vão à escola ou noutras atividades, sou um pouco pai, tio, palhaço, amigo... é minha grande família... aprendo, ensino, é gratificante.*

**Educador 5:** *Sou orientador educacional, para mim é uma experiência indescritível trabalhar diariamente com menores vítimas das mais diversas formas de cerceamento de direitos, a retribuição a cada olhar, abraço, ou até mesmo num simples sorriso nos preenche como um todo.*

**Educador 6:** *Gosto muito de trabalhar com esses adolescentes em situação de vulnerabilidade social.*

Percebemos, através dos relatos dos profissionais das Casas de Acolhimento que, mesmo com as dificuldades e riscos enfrentados por esses orientadores, tanto dentro das casas como fora delas, o sentimento de responsabilidade pelas condutas e atos dos meninos e meninas abrigados é muito mais que um desafio: é uma experiência fantástica, fazendo com que eles busquem se auto-superar, assumindo a função de pai, amigo e, como não o dizer? “Constituindo uma grande família onde tudo passa a ser recompensado com um simples abraço” (grifos do autor). Segundo esses profissionais que conceituam a inclusão como vocação, trabalhar nas Casas de Acolhimento com essas crianças e jovens ensina-os a ser mais tolerantes, pacientes e amáveis. Creio que a frase “*é uma parte de mim*”, dita um profissional desses espaços, por si só, revela a integração afetiva, ultrapassando todas as barreiras, visíveis ou não.

O objetivo da segunda pergunta foi compreender o que mudou ou se de fato mudou, no comportamento das(os) alunas(os), em relação à postura antes e depois do Projeto de Inclusão Digital e qual a expectativa deles em relação à participação no curso do IFSul.



**Pergunta 2:** Como você definiria o comportamento dos alunos das Casas de Acolhimento antes e depois do Projeto de Inclusão Digital e Social?

**Educador 1:** *Agora o acolhimento antes e depois, o comportamento né... Então assim, na verdade eu não acompanhei os meninos lá dentro do projeto, eu acompanhava dentro do abrigo e assim, antes como é que era, eles tinham uma expectativa enorme assim de conhecer esse mundo novo que eles viam na escola que o coleguinha tinha em casa o computador e eles não tinham oportunidade de ter dentro do abrigo. Então assim, quando chegou a proposta pra nós, que nós fomos conversar com eles, a gente via no olhinho dele assim a emoção "pô eu vou estudar no CEFET, eles achavam que era o CEFET ainda, até a gente dizer pra eles que tinha mudado o nome, que agora era IFSul, então eles passavam ali na frente e viam aquela escola gigantesca assim "bá tia, é lá que nós vamos fazer o curso?", "é lá que vocês vão fazer o curso", então foi bem bacana assim, que eles tinham uma expectativa enorme assim e queriam conhecer aquele mundo novo, e foi oportunizado por três ou quatro anos foi o projeto... Mas começou em que ano, não lembro... parece que em 2007. Então são sete anos né de projeto. E aí com troca de meninos foi bacana assim, porque os que permaneciam com nós falavam pra eles da função que era ir pro IF, ter a função do lanche, ter a função dos projetos, do futebol, da música... Aí eles falavam dos professores, da dinâmica ali, é bem importante ressaltar também essa função dos professores que abraçaram a causa assim né, porque eles falavam muito da professora de informática e do professor de música..*

*E os guris gostavam assim, e aí no final do ano, que tinha aquela formatura, onde eles podiam convidar as pessoas pra ir lá... Então aquele momento assim era especial assim pra eles... Que a gente via eles entrando no corredor, faziam a formatura direitinho né, e aí eles entravam no corredor e olhavam pro lado pra ver quem é que tava ali presente... Eles tinham a oportunidade de ir lá, levantar, pegar o canudo, quem queria falar poderia falar, então era bem bacana assim... E aí eu acho assim ó, que o comportamento dos guris mudou bastante, porque, porque, de certa forma, nós acabamos jogando com eles "olha se vocês não se comportar nós vamos ligar pro professor tal e vocês não vão ir", então aquilo era uma forma que a gente tinha como jogar com eles. Então eles sabiam que tinham que se comportar de certa*

*forma pra poder continuar no projeto, e eles faziam isso "hoje eu não vou aprontar porque se não vou pro IF", então era bacana assim esse jogo que se tinha com eles, claro que a gente permitia que eles fossem, porque a gente entendia que eles não poderiam ter a falta lá, porque se não eles iam perder de certa forma, pela dificuldade que eles têm, eles são muito atrasados na questão escolar, porque eles já vem de casa com uma defasagem escolar super grande, eram meninos grandes na época de 15, de 13 a 18 anos, que eu tinha no momento, então eles estavam estudando em séries tipo terceira, quarta, quinta, sexta série no máximo... Então era importante eles ter aquele contato ali, e isso a gente entendia assim, por mais que a gente dissesse "não, hoje vocês não vão pro projeto, mas aí ao mesmo tempo o pessoal brigava comigo "ah tu disse que eles não iam e acabaram indo", "sim, eles vão porque eles não podem ter falta, porque é uma escola regular, eles não podem perder o curso, o momento que eles perdem eles não vão conseguir muitos alcançar depois o objetivo final, então a gente tem que mandar eles sempre pro projeto.*

**Educador 2:***Bem, como eu defino o comportamento dos alunos? Eu achei assim, que quando foi lançada essa proposta pros meninos, eles encararam muito bem, porque são novas coisas, novos desafios... E também a faixa etária deles foi uma faixa etária que veio algo assim... Era o momento né, que eles precisavam, que eram adolescentes. Eu acredito que realmente esse projeto com os demais projetos que tinham também lá no CEFET, tinham os projetos de música e educação física, foram projetos que acrescentaram bastante, porque, além de ensinar novos comportamentos, novas posturas pros guris... Favoreceu os guris assim que a curto prazo a gente não vê esse rendimento, mas que, a longo prazo, pelos meninos que saíram, então a gente viu que a semente, ela foi plantada, ela demorou a crescer, mas ela cresceu e foi a partir desse projeto que foi realmente um diferencial, mais os projetos da casa, que ele vingou.*

**Educador 3:***Como definiria o comportamento dos alunos na casa de acolhimento antes e depois?...Então eu acho que é bem isso, elas se sentiram outras pessoas, se sentiram incluídas, aquela coisa, "hoje eu posso", pra elas era bem da idade de adolescente, "eu também posso estar lá, também posso fazer parte disso" e ali, depois daquilo sim, aí elas... Também veio várias outras coisas, como eu disse, o*

*trabalho eu acho que foi uma coisa bem importante pra elas, elas se sentiram incluídas nisso, até na época a gente questionava muito né com o promotor se pode ou não pode entrar em Facebook? Será que pode, será que não pode?...E a gente foi conversando com ele e abrindo isso, e elas entravam, foi tranquilo pra elas, foi tranquilo pra nós, na casa foi tranquilo e elas também, nisso se incluíram, né, que hoje o jovem gosta, não tem outra coisa... Eles gostam disso, faz parte, tudo com olhar de cuidado que a gente tem que ter, no IFSul eles tinham também esse cuidado com elas quando entravam, sempre tinha uma pessoa do lado olhando, foi bem acompanhado, então foi bem importante, eu acho que foi uma coisa bem assim... Teve uma diferença grande do antes e o depois, eu posso dizer isso, na época, foi uma coisa que a gente via claramente nelas.*

**Educador 4:** *Melhoram em tudo, né, autoestima... organização... comportamento, até na escola regular tiveram avanços, porque eles mal sabiam ler e escrever. Na verdade, nós... Eu falo pela minha área, instrutor de trânsito, e tive dois meninos que também eram de abrigos que estiveram nesse Projeto do IFSul, foi bem interessante, porque eles tinham uma facilidade incrível pra trabalhar... eles cresceram muito.*

**Educador 5:** *O próprio nome do Projeto já poderia dizer muito sobre esse sentimento, a Inclusão é muito importante em todos os níveis, eles convivem diariamente com colegas que possuem acesso à Internet, e o Projeto viabiliza a oportunidade de estarem convivendo, de forma igual, com todos os demais. O comportamento melhorou muito, refletindo o sentimento interior de satisfação com a iniciativa proposta pelo Projeto.*

**Educador 6:** *Ajudou a melhorar a responsabilidade dos adolescentes.*

Podemos verificar, por meio dos relatos dos orientadores das Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas, que o comportamento das jovens e dos jovens mudou muito e para melhor. A grande expectativa com o curso, quando relatado: “Pô! Eu vou estudar no IFSul!...Já sinaliza a grande expectativa plantada nos corações desses jovens. O carinho e a atenção dos professores e servidores do

IFSul valorizaram ainda mais o Projeto desenvolvido, pois acrescentaram, além de conhecimentos didáticos, posturas e comportamentos exemplares que contribuíram para o diferencial dos conhecimentos compartilhados. Os discentes passaram a se sentir incluídos e valorizados. Nas palavras de um aluno: “hoje eu posso estar lá e fazer parte disso...”. A inclusão no mundo das redes sociais melhorou sua autoestima, organização e contribuiu com alguns avanços no ambiente escolar, onde foi notória sua alegria pela convivência com os demais alunos dos cursos regulares do IFSul.

A semente foi plantada, demorou a crescer, mas, depois do Projeto de Inclusão Digital, floresceu. Isso nos faz lembrar o que nos diz sabiamente Rubem Alves: “o educar custa muito a crescer!”.

A pergunta a seguir visa saber se o Projeto de Inclusão Digital e Social oferecido pelo IFSul se destacou entre os diversos cursos já oferecidos às Casas-lares?

**Pergunta 3:** Você acredita que o Projeto de Inclusão Digital e Social foi um diferencial na cidade de Pelotas?

**Educador 1:** *Foi um diferencial, com certeza, porque eu acredito o seguinte: que nós profissionais que trabalhamos com isso, a gente faz um diferencial com esses projetos que a gente abraça e acredita e com os meninos é um diferencial, porque trabalhou a autoestima deles também, o tipo de oportunidade, diversas ações dentro de um mesmo projeto... música, esporte, espanhol e até xadrez. Então, esse projeto foi um diferencial assim, eu acredito que os profissionais que abraçaram esse Projeto faz um diferencial na vida deles... E, com certeza, plantaram uma sementinha neles que eles podem... Que eles vão aproveitar no futuro e que alguns já estão até aproveitando, os maiores de idade... Então, eles aproveitaram na questão do estudo, na questão da profissionalização de cada um deles, então foi bacana nesse sentido assim, foi um diferencial, com certeza.*

**Educador 2:** Ah, é, que foi o diferencial em todo o curso. Por isso que eu digo assim ó, cursos eu acho que têm muitos, eu acho que projetos têm muitos, mas realmente eu acho que a pessoa que vai ali, que realmente se propõe, essa pessoa eu acho que, com certeza, acho que os guris também devem ter falado muito bem dela, que isso aí realmente foi o diferencial de tudo. E com certeza virão outros diferenciais também, né, ela como eu te disse foi o primeiro né, o diferencial do curso, e virão outros também, com certeza. E agora com essa gurizada, que é outra faixa etária, já são outros meninos, também.

**Educadora 3:** Assim, o diferencial desse curso, que eu lembro assim, já faz um pouco de tempo... o que representou esse projeto pras meninas... eu acho que realmente foi a inclusão delas né, de um modo geral, num lugar que pra elas até então elas passavam e era uma coisa muito longe, um sonho "quando que eu vou chegar até o IFSul, vou sentar numa cadeira do IFSul?", isso elas sempre falavam, né, pra gente, que era um sonho pra elas, elas passavam e achavam que nunca seria possível elas entrar ali... E pra elas eu acho que, na época, representou muito mais do que entrar num lugar, se incluir num grupo né, pra elas representou bem mais do que isso, porque a entrada delas no projeto incluiu elas em vários outros lugares, elas se sentiram incluídas na sociedade, né? Na época, eu lembro que foi bem esse o sentimento delas... E aí depois começou o Projeto, eu acho que em tudo né, hoje muitas delas não estão em Pelotas e provavelmente levaram essa experiência pra longe e pra vida toda. Foi o grande diferencial na vida delas né, que eu acho que isso foi uma coisa assim bem importante na época, a gente via assim que as gurias melhoraram até como se vestir, a aparência delas, começaram a se gostar, né, se valorizar muito mais. Isso a gente via bem assim, elas se valorizaram muito mais, porque o horário de ir pro IF, até a gente colocava uma coisa assim "ah se tu fizer tal coisa, tu não vai pro IF" aí elas "ah não tia, me tira tudo, mas isso tu não pode tirar" e a gente claro que sempre procurava não tirar mesmo, né, porque aquilo era um aprendizado, né, fazia parte do aprendizado delas e, como castigo, não podia tirar do IF, mas a gente jogava um pouco com elas né, e elas não queriam, realmente elas melhoraram o comportamento, até o cuidado com as roupas, né, que era uma coisa assim que a gente cuidava muito e elas sempre saíam pro IF muito bem, até não se notava nada, que elas tinham sempre o rótulo

dentro das escolas e qualquer lugar que elas participavam, "ah são meninas abrigadas" e no IF não, no IF elas nunca...

**Educador 4:** *Comparando com os anteriores, né, porque esses são novos pra nós, eu acredito que também, acredito que tenha a mesma importância pra garotada... E nós tivemos uma experiência agora com a UCPel, eu achando que o curso da UCPel seria semelhante ao do IFSul, só que me enganei, aquilo ali... Foi muito superficial, a menina tinha muita boa vontade, mas... , contrário da professora lá do IFSul que... assim, na verdade eu peguei dois monitores lá, né, um rapaz que não me lembro o nome dele... acho que era... fulano né,... O outro não me lembro... Mas a professora de informática ficou bem gravada, porque, pelo tato que ela tinha, muito tato mesmo... A professora em questão tinha carinho com eles, eles respeitavam muito ela, entendeu, acho que ela era professora, era magistério... , não? Analista de Sistema, nossa... Exatamente. A metodologia dela perfeita, pra trabalhar com a garotada... Tanto é que os maiores, que tinham uns grandalhões, uns meninos de 16 anos, tinha um respeito para com ela assim... É muito interessante... Eu tô te falando dos meninos que estavam conosco, dois ou três conseguiram usar o que eles aprenderam naquele curso, usar pro dia a dia deles como o aluno tal, que trabalhava com a contabilidade, o escritório de contabilidade, ele teve aquela facilidade, até a menina lá que é a dona do escritório, na época, hoje não está mais, está em Florianópolis, ela até disse assim "quando eu vi, bá vou ter que ensinar tudo pra esse guri e ele já sabia, na área de informática, ele já tava craque", bem legal, interessante. Bom, se eu acredito que o Projeto de Inclusão Digital e Social foi um diferencial na cidade de Pelotas... Sim. Perfeito! Na verdade nós... Eu falo pela minha área, né, que eu trabalho com..., sou instrutor do SEST-SENAT... e tive dois meninos que também eram de abrigos que estiveram nesse projeto do IF, foi bem interessante, porque eles tinham uma facilidade incrível pra trabalhar, mas... enfim... Todo projeto de inclusão é positivo, sendo em qualquer área, né?*

**Educador 5:** *Sem dúvida, o Projeto veio como uma forma de apoio, atingindo classes sociais até então à margem da inclusão social e digital, de forma prática, direta e eficiente.*

**Educador 6:** *Sim, possibilitou a esses jovens sem condições o acesso à informática.*

Analisando as narrativas dos orientadores, podemos afirmar que o Projeto de Inclusão Digital foi um diferencial na cidade de Pelotas e na vida desses alunos. Não só a autoestima desses alunos foi ressaltada, mas o acesso a diversas oportunidades antes nunca imaginadas, tais como: a informática, a música, o esporte, o espanhole até o xadrez. O aproveitamento na questão do estudo, da profissionalização de cada um deles foi, apesar de perfis diferentes, a descoberta de verdadeiros potenciais abafados que precisavam apenas de um impulso acolhedor e respeitoso para aflorar novos talentos adormecidos.

A oferta de cursos em Pelotas é muito significativa, porém ainda são tímidas as iniciativas com profissionais que se dediquem verdadeiramente com a inclusão que, como bem sabemos, é uma caminhada muitas vezes solitária e carregada de críticas.

O aproveitamento do curso em outros aprendizados, como no de instrutor de trânsito, quando o orientador disse: " *bah! Vou ter que ensinar tudo de informática pra esse guri* " e, quando percebeu, o garoto já sabia de tudo!!!... é algo realmente recompensador! Enfim, o alcance do curso a classes sociais até então à margem da sociedade, de forma prática, direta e eficiente, consolidaram o Projeto como um grande diferencial na cidade de Pelotas e na vida dos sujeitos aqui pesquisados.

A quarta pergunta visou revelar o que foi percebido em relação à postura dos alunos durante o transcorrer do Projeto e o que ele representou, de modo particular, em suas vidas e também em relação à sua autoestima. De certa forma, buscou-se, através desse questionamento, descobrir ou revelar se os mesmos se sentiram mais felizes com as possibilidades proporcionadas pelo Projeto.

**Pergunta 4:** Como você definiria a autoestima dos alunos antes e depois do Projeto de Inclusão Digital e Social?

**Educador 1:** *A autoestima foi onde mais cresceu, porque a autoestima deles é muito baixa, tem uma série de situações que eles mesmos são tímidos, são retraídos, mas, daqui a pouco lá, eles, de alguma forma, eles conseguem extravasar, porque eu lembro que na época a gente teve até problemas com meninos e meninas que extravasaram, até tipo quebrando as coisas, né, porque eles queriam mostrar que estavam ali, que, na verdade, não era o mundo que eles estavam acostumados e o mundo deles era de muita violência, de muita tragédia assim vamos dizer e pra eles "Pô! Um novo mundo colocado à minha frente, como lidar com isso?". Então, na verdade, tinham momentos que eles não sabiam como lidar, "porque esse professor tá tendo toda uma atenção comigo, se lá as pessoas que tinham que ter atenção, que era a minha família, não tem? E, hoje, eu tô aqui dentro, tendo essa atenção", porque eu acho assim, quem abraça esses projetos, na verdade, não é nós, que estamos se doando, na verdade eles estão nos ensinando muitas coisas.*

**Educadora 2:** *O que mais... E a autoestima deles também, porque eles se enfeitavam, eles se arrumavam né, "tem aula", então... Claro que tem aquele dia que um que outro não quer ir, mas em síntese assim, até eu falei pra Thaís, né, eles gostavam, eles gostavam muito, dava pra ver, eles tomavam banho, se arrumavam, daí eles... botavam roupa, era de frio, era de calor... Então tudo isso era autoestima né, porque tu vai num lugar que dentro da sala tu é respeitado, antes de entrar na sala tu tá numa escola que as pessoas também têm respeito, têm outras pessoas, pessoas te cumprimentam, olha, até desde o guarda, né, ali da frente já sabia que era a gente "pode entrar", né, então a gente já tinha "pode entrar, tem o passe livre", porque a gente também consegue dizer pra eles "olha, tem que manter uma postura". Então tudo isso é importante. Aí viam também os alunos, viam cartazes... Então tudo isso então tinha uma... um enumerado de... Vamos dizer assim... Conhecimento, né, acho que eles entravam no IFSul e já tinham conhecimento até chegar na sala. Então isso é legal.*



**Educadora 3:** *A autoestima delas melhorou muito, né, que elas eram adolescentes e meio bem excluídas, elas tinham uma baixa escolaridade, muito baixa, e elas conseguiram entrar no prédio, a primeira impressão assim é que parece que elas conseguiram entrar no prédio do IFSul... Depois aquilo foi deixando todos os dias "ai nós vamos pro IF, nós vamos..." , elas se arrumavam, né, se sentiam gente... Na época, era bem importante assim, elas se sentiam incluídas no processo. Além de entrar pro IF, fazer parte daquele grupo, elas eu acho que se incluíram, aos poucos, foram realmente se sentindo parte da sociedade, delas mesmo como pessoas, eu acho que foi bem importante, foi bem legal pra elas, eu lembro que foi uma coisa bem importante, fez diferença na vida delas e na minha também, né,... Eu acho que, de todos nós, fez uma diferença muito grande, né, tu trabalhar com um grupo que é totalmente excluído de modo geral e por vários motivos, de repente, elas entrar dentro de um projeto, dentro do IFSul e se sentir parte de todo processo e de toda sociedade... Isso empoderou elas, né, de um modo geral assim, deu uma outra visão "eu posso, eu faço parte, alguém tá ali pra me ajudar, pra me dar a ferramenta pra mim poder continuar" e foi bem importante, a partir daquilo ali também muitas delas conseguiram trabalhar e isso fez a diferença na vida delas, sabe? Eu tinha a menina tal ,né, que é uma menina que, na época, não conseguia se alfabetizar de jeito nenhum, até quando eu a coloquei no Projeto me perguntaram como que a tal menina vai entrar se ela não é alfabetizada... Precisava ser alfabetizada pra poder entrar no Projeto... E a Ângela entrou e eu fui uma que lutei muito pra ela continuar, ela tinha muita vontade de entrar, de poder entrar em Facebook na época, e ela entrou e a partir dali essa menina conseguiu se alfabetizar. A partir daquele curso, naquele curso ela conseguiu se alfabetizar e também ficar incluída em várias outras coisas... Hoje ela é casada, tem filho, né, consegue, apesar de toda a dificuldade dela, ela consegue ter uma vida como outras meninas da idade dela. Então, eu acho que pra ela a gente vê bem claro que o Projeto foi bem importante, foi bem importante. Então, assim, eu acho que sim, né...*

**Educador 4:** *Bem, a autoestima, bá! Isso é muito importante, tanto é que eu te falei, né, "tchê vamos pro IF", eu digo "vocês já amanhã de manhã aprendam que de manhã a correria não dá né", tu sabe que abrigo eram doze, metade aqui, né, vocês... Aí eu ensinei eles o material a noite: "Deixa o material pertinho de ti, a*

*roupinha do lado" e eles faziam isso pro IF, porque iam pro IFSul, porque iam pro Projeto. Bem interessante!*

**Educador 5:** *Houve uma sensível diferença entre esses dois momentos, vivemos numa sociedade globalizada, onde o conhecimento de ferramentas digitais é um fator de reconhecimento e de comunicação social entre pessoas diferentes. Colocá-los nesse universo fez deles parte de um contexto, atual e necessário, elevando a autoestima consideravelmente.*

No relato dos profissionais das casas, podemos dizer que “a autoestima” foi a parte mais destacada e fortalecida nos alunos e alunas, uma vez que traziam consigo um histórico de muita rejeição, violência e negação de oportunidades. É evidente e também espera do que tenha havido um momento que precisou ser rompido, a fim de encarar um novo universo até então desconhecido. Tais apreensões foram consideradas como parte do processo de inclusão do próprio Projeto, pois sabíamos que, do mundo de onde vieram, somente a violência e a tragédia eram conhecidas. Perceber a possibilidade de um mundo novo com carinho e atenção era algo difícil de perceber como natural, como algo possível e de direito.

Depois desse período de adaptação e convivência, as mudanças comportamentais começaram a ocorrer, tornando-os menos agressivos e desconfiados. Uma janela foi aberta e eles conseguiram enxergar luz diante de uma escuridão que agora se transformava em possibilidades e sonhos. Passaram a se arrumar e a se amarem como pessoa, como gente que estava num local cuja presença era respeitada assim como as demais.

A partir do Projeto de Inclusão Digital, essas crianças e adolescentes começaram a desenvolver e compreender o sentido de pertencimento, ou seja, já se sentiam parte do agora tido como “nosso IFSul”! Eles não mais estavam sozinhos e, sem dúvida, serviu para modificar suas vidas, assim como a de seus orientadores.

Começaram a realizar mais trabalhos na escola; a apresentar um comportamento melhor na casa e até na rua. É como se dissessem o tempo todo: “*eu posso, eu faço parte, alguém tá ali pra me ajudar, pra me alcançar a ferramenta, pra continuar*”. Isso resultou, como que de imediato, na alfabetização de muitos deles. Ou seja, o uso das ferramentas digitais não só serviu para integrá-los

socialmente como contribuiu para que pudessem ser inseridos no mercado de trabalho. Tais conquistas foi o resultado de um projeto que, além de seus propósitos pedagógicos, priorizou o ser humano, fortalecendo sua autoestima.

A quinta pergunta buscou descobrir se durante o curso algum fato relevante tinha marcado suas vidas. Caso afirmativo, que descrevessem e discorressem sobre tais episódios.

**Pergunta 5:** Haveria uma situação pontual ocorrida durante o Projeto que gostarias de descrever?

**Educadora 1:** *E a situação pontual eu acho que seria essa função assim de cada um de nós, essa questão de doação, né, de cada profissional que tá ali presente de se doar mesmo, de tá ali abraçando a causa, porque, na verdade, se a gente tá ali só por tá e questão "ah porque eu sou um bolsista", isso eu conversava bastante com a Sandra, porque, às vezes, tem essa questão de eu ser bolsista e tô ali pelo financeiro mesmo, né, mas tu não tem a ideia assim do que é participar de um projeto de inclusão, como o próprio nome já diz, né, tô incluindo essas crianças nesse meio aqui... Então, a gente tem que entender que, na verdade, a gente tá ali mais é pra se doar mesmo, de passar os nossos conhecimentos, de tentar fazer um diferente na vidinha de cada um deles... Então, eu acho que quem abraça isso tem que ter isso assim bem claro, se não tiver, melhor nem participar mesmo... Porque, na verdade, a gente não vai conseguir transmitir pra eles a ideia de que pode ser um diferencial pra eles e que eles vão aproveitar, com certeza, no futuro e daqui a pouco pode ser um pouquinho aqui, mas que lá adiante vai ser um bastante, porque se tu não aproveitar agora, como é que tu vai ser daqui um, dois, três anos? A gente não sabe. Então aproveita a oportunidade que tá sendo dada agora e vamos ver como é que vai ser mais adiante.*

**Educadora 2:** *Eu gostei muito e a pessoa assim que eu admirei assim, que eu achei assim que realmente alavancou o Projeto foi a professora, ... , pelo o quê, pela postura dela como professora, comprometimento dela, assiduidade dela... Então os gurus, a gente via, chegavam lá na escola, eles tinham um comportamento dentro da*

sala, eles tinham, eles conseguiam parar, ouvir, "a proposta hoje é essa aqui", pegar o computador, ligar e fazer. E aí quando eles faziam tudo legal, eles tinham um tempinho ainda pra realmente brincar, fazer um joguinho. Então, eles conseguiam trabalhar no tempo que eles tinham lá várias coisas, trabalhar a didática, trabalhar a proposta e mais o divertimento. Então, isso aí se deve muito ao papel dela como pessoa, com educação que ela nunca faltou com educação, ela sempre soube ouvir... ela explicava, tudo assim que eles fizeram dentro do curso, eu acho que se deve muito a ela...

**Educadora3:**Então, bem assim, uma situação bem pontual do Projeto, o quanto foi importante ,né, pra vida das meninas, que, na época, a gente ensinava muito artesanato pras meninas, era uma maneira que a gente tinha de mantê-las ocupadas e aprender alguma coisa pra vida toda, então a gente fazia muito artesanato dentro da casa, não tinha oficinas de fora, mas a gente sempre tinha algum voluntário, eu, né, que gosto muito dessa parte, tinha alguma menina também, algum educador sempre ensinando alguma coisa... E a gente sempre fazia muito artesanato, alguma coisa, e elas perguntavam "tia, a gente tem que vender, como que nós vamos vender isso?", a gente também foi até o promotor, conversou com ele sobre isso e "bom, vamos arrumar um lugar pra gente expor os trabalhos" e o IFSul nos abriu a porta, como já conhecia as gurias, como elas faziam parte, né, a gente também conseguiu isso com o IFSul, eles abriram as portas pra gente e a gente fez amostras dos trabalhos de artesanato dentro do IFSul. As meninas participaram, a gente abriu, tinha a Miriam, que era a nossa pedagoga, tava sempre com as meninas... Na época, eu era a coordenadora, e aí a gente fez amostras dos trabalhos das meninas, né, e aí o IFSul também pôde conhecer um pouco delas, né, pôde ir até a casa, algumas pessoas iam até a nossa casa, conheceram... E isso também foi muito importante pras gurias né, "Pô! Fazer uma amostra dos nossos trabalhos dentro do IFSul", foi bem legal assim, pra elas foi bem importante e isso eu acho que até hoje elas devem trazer isso na vida delas, que foi importante, que foi legal, que levantou a autoestima, deve ter realmente feito diferença na vida delas... Hoje, eu ainda me comunico com ela que era essa menina que não se alfabetizou, não se alfabetizava na época e hoje eu vejo que a Ângela, hoje, tem essa ferramenta, que é o computador, ela usa muito isso... A gente ainda se comunica

*assim e foi bem legal vê-la hoje poder também ter essa inclusão digital, né, pra ela parece que é uma coisa bem importante... E outras meninas também que eu encontro e vejo, a..... Muitas meninas assim que foi bem importante, né,...assim que eu vejo.*

**Educador 4:***Sim, foi aquela, a facilidade que eles tiveram, porque a gente conversava muito com eles, às vezes, de manhã, "Bá! Tô com preguiça!" e eu "Cara, isso aí vai te servir pra futuramente..." e o aluno tal, me lembrei o nome do menino, disse "O senhor tinha razão, né, imagina se eu perdesse aquelas aulas e tal, hoje eu entendo", ele tá com 19, eu acho... ."e hoje eu entendo isso que vocês nos falavam", não era só eu, a aluna tal também. Bem interessante isso, isso foi uma coisa que ficou marcado.*

**Educador 5:***Sem dúvida, um menino em processo de alfabetização, impulsionado pelo desejo de aprender mais, e poder se comunicar no Projeto, descobriu, nas ferramentas digitais, uma forma de auxiliar ele mesmo no processo de alfabetização. O que de fato ocorreu, para a satisfação da Escola e de todos aqui na Instituição.*

#### **4.2 Análise dos entrevistados (orientadores)**

Após análise das vozes dos orientadores entrevistados, podemos perceber que a maioria dos orientadores salientou o tratamento dispensado pelos profissionais do IFSul envolvidos no Projeto de Inclusão Digital e Social. Também discorrem sobre as mudanças comportamentais percebidas nas meninas e meninos, sinalizando alterações positivas na vida desses jovens até então tão carentes de tudo. Foi percebido o quanto a apresentação do material de artesanato confeccionado pelas alunas e exposto numa feira interna do IFSul, ocorrida no primeiro momento de produção de trabalho e renda, abriu novas oportunidades e horizontes de credibilidade até então desconhecidos e inalcançáveis!

## Capítulo 5

### AS VOZES DOS ALUNOS DAS CASAS DE ACOLHIMENTO SOBRE O PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL: NARRATIVAS, SONHOS E POSSIBILIDADES

A experiência de amar e ser amado é uma das condições essenciais para o desenvolvimento sadio do homem. (CAMARGO, 2002, p.319).

#### 5.1 Relatos dos alunos e análises

O referido capítulo traz como objetivo analisar as reflexões das meninas e meninos das Casas-lares de Pelotas sobre o impacto que o Curso de Inclusão Social e Digital teve em suas vidas, bem como as contribuições advindas do mesmo em relação às suas inserções no mercado de trabalho. Tais análises foram realizadas a partir de seus depoimentos, conforme perguntas abaixo relacionadas:

A primeira pergunta tem como objetivo conhecer as expectativas e anseios em relação ao Curso, ao IFSul e à convivência com outras pessoas.

**Pergunta 1: Na tua opinião, o curso oferecido pelo IFSul sobre inclusão digital atendeu tuas expectativas enquanto aluno participante do Projeto?**

**Aluno 1:** *Sim, para mim... meu nome é...,o curso de informática acho que foi de uma extrema importância, porque foi ofertado numa idade onde a gente desperta a curiosidade na tecnologia e nas demais áreas e, sem dúvida, foi o local de aprendizado onde a gente também teve aquela oportunidade de... como é que eu posso dizer... de sair um pouco daquele cotidiano, que era a instituição, e habitar e conhecer coisas novas. Apesar de ter participado de diversos cursos, como música, dança, futebol, entre outros, acho que o curso que mais me identifiquei, sem dúvida, foi na área de informática, onde tive logo após a conclusão do curso... trabalhado com contabilidade e estagiado num escritório de advocacia.*

Quando se pensou no curso, a intenção era mesmo fazer com que eles conhecessem e se apropriassem de um espaço novo, com novas tecnologias, novas perspectivas, bem como ele mesmo disse: “Oportunidade de sair um pouco daquele cotidiano, que era a instituição, e habitar e conhecer coisas novas.”.

**Aluno 2,** *Eu fiz parte desse Projeto de Inclusão Social, fiz o curso de Espanhol e Informática e me ajudou, me deu mais experiência pro colégio mesmo e pra alguns cursos que eu fiz pra conseguir... até o Jovem Aprendiz, tipo eu fiz o Jovem Aprendiz e aí eu teria que ter experiência em informática e em espanhol e eu fiz aquele curso lá e já fui com a experiência, entende?*

Veja-se a importância, e porque não dizer, decisiva, da participação desse jovem no Projeto de Inclusão Social e Digital, um caminho para ascensão na escola regular, bem como o acesso e a participação em ações futuras: “me deu mais experiência pro colégio mesmo e pra alguns cursos que eu fiz pra conseguir... até o Jovem Aprendiz”.

**Aluno 3.:** *Estou com 19 anos, né, eu fiz parte do Programa lá do IFSul e gostei muito, né, tá me ajudando bastante, o pessoal da Casa também.*

Observe-se a importância que é para eles terem participado do Projeto. O sentimento e a certeza de não mais se sentirem sozinhos .O espírito de colaboração, de compartilhamento com o outro :“*tá me ajudando bastante e o pessoal da casa também*”.

**Aluno 4:***Eu fiz mais informática lá no Programado IFSul e hoje me sinto mais... mais experiente perto outras pessoas... adolescentes hoje não desiste dos teus sonhos maravilhosos que possa conquistar tudo que quer... o curso é muito bom e ajuda muito com os interesses, os favores, os sonhos... talvez que daqui um tempo as pessoas demonstrem mais o seu interesse no trabalho e não desistirem. É isso.*

É maravilhoso saber que, de alguma forma, contribuímos para a realização do sonho de alguém. Que fizemos a diferença em sua formação e por termos tido a oportunidade de aprender com quem nem se imagina ajudando. Obrigado João Paulo por tuas palavras:..."*adolescentes hoje não desiste dos teus sonhos maravilhosos que possa conquistar tudo que quer... o curso é muito bom e ajuda muito com os interesses, os favores, os sonhos...*"

**Aluno 5:***Tenho 19 anos e... sei lá, eu gostei muito do Projeto do IFSul, é uma experiência ótima pra mim, aprendi a mexer em computador e coisa e tal... e me ajuda bastante assim na escola e no estudo.*

Com base nos relatos dos alunos, podemos verificar a importância do Projeto de Inclusão Digital e Social que, ao influenciar de forma direta na vida escolar desses jovens, também oportunizou outras expectativas de emprego e inserção social. Isso se torna evidente para mim toda vez que volto ao cenário a que assisti em abril de 2007, quando da visita a uma das Casas de Acolhimento: "a total desinformação e contato com as tecnologias da informação que sinalizavam, verdadeiramente, o abandono e a exclusão desses jovens nesses espaços".

Num breve momento de conversa, percebi o quanto se fazia necessário o acesso às informações em rede para aqueles que mal dominavam a escrita e os cálculos básicos, tais como a tabuada e outros métodos totalmente por eles desconhecidos. Tais constatações, como não podemos deixar de salientar, vinham acompanhadas de uma convivência conflituosa e minada de medo e violência causados pelos maus tratos familiares. Numa mistura de tristeza e angústia, a única certeza que em mim se fortaleceu foi a possibilidade de ajudá-los a modificar uma realidade já tão deprimente e desumana. Então, redobrei minhas forças, fortaleci minha fé e esperança e consegui, graças ao apoio de alguns colegas, formar uma equipe disposta a cumprir seu papel, enquanto educadores, através do desenvolvimento do Projeto de Inclusão Social e Digital para esses jovens.

No Brasil, conforme abordado por Baggio,



a distância entre providos e desprovidos de tecnologia digital contribui muito para o aumento da desigualdade, numa época de fortes inovações na área tecnológica. A devida inclusão digital da população mais carente permite uma nova perspectiva de vida. Ações que possibilitem a referida inclusão contribuem diretamente para o bem estar das pessoas. Diante de um cenário de mudanças sociais devido aos avanços tecnológicos, elaborar uma política firme de Inclusão Digital que contribua para a disseminação do conhecimento é fator determinante para o desenvolvimento econômico, político e social do país e para a promoção de uma inclusão social justa e equilibrada (BAGGIO, 2005, p.79).

A crescente presença da tecnologia e da ciência nas atividades produtivas e nas relações sociais estabelece um ciclo permanente de mudanças. Diante disso, Baggio já salientava:

a Política de Inclusão veio ao encontro da modernidade enquanto incorporavam-se as novas possibilidades à vida dos desfavorecidos. Nesse contexto, tudo se faz presente nas chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação. Conclui-se então que os acessos aos bens e aos meios dentro de uma sociedade estariam se transferindo de valores concretos e passando para valores abstratos (BAGGIO, 2005, p. 79).

A segunda pergunta buscou saber, a partir da percepção dos próprios alunos(as), como foram desenvolvidos os conteúdos, a didática e estrutura do curso, bem como sobre a postura dos professores participantes do Projeto.

**Pergunta 2:** Se tivesses que dar um conceito para o curso como um todo, como o considerarias?

**Aluno 1:** *Ótimo, pois além da informática básica, a professora nos dava softwares de reforço na matemática e também na parte da escrita, né, que... na parte de*

*desenvolvimento, que é bastante cobrado na instituição de ensino regular, fora do IFSul.*

No início das aulas, percebemos muito cedo que, apesar de estar na quinta ou sexta série do Ensino Fundamental, esses meninos e meninas mal sabiam ler e escrever. Tais constatações nos forçaram a acrescentar às aulas de Informática Básica reforços pedagógicos em outras disciplinas, tais como no português, na matemática e em outras disciplinas.

**Aluno 2:** *Muito bom, os professores dedicados, os aparelhos, instrumentos, muita atenção e carinho.*

Apesar de se manterem um pouco distantes no início do Projeto, aos poucos, fomos ganhando confiança, carinho e admiração desses alunos. O que de fato ocorreu é que, espontaneamente, construímos uma nova família. Uma nova família que aprendeu a trocar a rejeição pelo acolhimento e os maus tratos pela proteção. Tudo isso foi conquistado pelo amor que, quando bem direcionado, é capaz de reduzir distâncias e fortalecer o verdadeiro papel da educação como ato transformador de vidas.

**Aluno 3:** *Achei ótimo, me fez sentir uma pessoa melhor e realizar alguns sonhos, é isso.*

No início do curso, através de conversas informais, sondávamos: o que tu esperavas do curso? *Não sei... nada... sei lá.* E a vida nos colocou assim: diante de jovens desesperançosos e excluídos! No entanto, a distância foi minimizada e esses jovens começaram a acreditar mais em si... a acreditar que suas vidas poderiam mudar e que eles tinham esse direito! Que nada é impossível quando temos alguém que aposta de verdade em nossas potencialidades. Que sonhar também é um direito de todos e não privilégio de alguns.

**Aluno4:** *Ótimo, me ajudou bastante.*

A palavra “**ótimo**”, de forma concisa, revela o quanto o referido Projeto contribuiu para sua vida. Na vida, as coisas são simples assim: não precisamos de longos discursos para discorrer sobre aquilo que realmente nos faz bem.

**Aluno 5:** *Acho que foi muito bom ,né,...ótimo até, né, pois me ajudou bastante, né,... acho que é isso.*

Após analisar os depoimentos dos meninos e das meninas em relação ao que representou o Projeto de Inclusão Digital, podemos constatar sua relevância. Tais percepções adquiriram valores indescritíveis ao observar que, segundo relato feito pelo aluno 3: ... *Achei ótimo, me fez sentir uma pessoa melhor e realizar alguns sonhos, é isso...*

A terceira pergunta refere-se aos resultados obtidos com a realização do curso, bem como se o mesmo contribuiu para sua inserção no mercado de trabalho ou em outras perspectivas.

### **Pergunta 3: O curso possibilitou tua inserção no mercado de trabalho?**

**Aluno 1:** *Foi fundamental, após dois anos de curso, consegui estágio num escritório de contabilidade, me ajudou bastante na inserção dos serviços quando eu comecei a trabalhar com a máquina, que era na parte da digitação e desenvolvimento com notas. Foi bastante produtivo e acho que... essencial naquela época, pelo menos na minha percepção.*

Percebe-se, pelo relato do aluno 1, a decisiva influência do Curso na obtenção do primeiro estágio, pois se fazia necessária a utilização e o domínio da máquina para o bom desenvolvimento de seu trabalho. Como podemos verificar, o Projeto aliou sonhos, práticas e novas aprendizagens.

**Aluno 2:** *Com certeza, comecei com o curso Jovem Aprendiz, que precisava de experiência em informática e em espanhol e hoje estou na Indústria de Conservas Oderich, em Pelotas, como empregado.*

Paralelamente ao Curso de informática Básica, desenvolvemos dois semestres com conteúdos em Língua Espanhola, onde, dentre outros materiais didáticos, utilizávamos músicas latinas para posterior tradução e pronúncia acompanhadas e com o apoio nas aulas de música do professor responsável pela música. Como podemos verificar, o Projeto também incluía a parte cultural, tão necessária, nos currículos em geral.

**Aluno 3:** *Ajudou mais na escola, porém me deu segurança para começar a trabalhar como ajudante de pedreiro e para futuros trabalhos... espero que me ajude.*

Vejam o quanto a palavra *ajuda* foi usada pelo *aluno 3* que, mesmo sendo o que menos participava do curso no início das aulas, após perceber que estava num ambiente de aprendizagem e que poderia perguntar sempre que nutrisse alguma dúvida, tornou-se mais dinâmico e solto... tornando-se um dos alunos mais falantes e questionador da turma. São mudanças positivas como essa que nos faz perceber que tudo que desenvolvemos com essas crianças e jovens “*valeu a pena!*”.

**Aluno 4:** *Sim, principalmente nas tarefas da escola, pois meu trabalho é como auxiliar de pedreiro.*

Mesmo numa simples, mas importante função como a de auxiliar de pedreiro, o aluno ressalta o quanto foi essencial a contribuição do Projeto em sua vida. São esses valores, que consistem em devolver ao outro sua humanidade, que nos faz pensar na educação e seu papel na sociedade.

**Aluno5:** *Bastante, principalmente na escola, pois quando começou o curso eu mal sabia ler e escrever e, tempos depois, quando fui fazer uma entrevista de emprego, tive que escrever, porque eu achava que devia ser contratado e acabei conseguindo a vaga.*

O grau de dificuldades apresentado por esse aluno foi muito significativo, o que nos levou à utilização de reforços pedagógicos em muitas disciplinas com o propósito de facilitar sua aprendizagem e apreensão de novos conteúdos.

Certo dia, durante o curso, num dos muitos intervalos para o lanche, o aluno me perguntou: *essas aulas de computador são pra gente jogar e olhar a internet?* Então respondi: não somente.....ela também irá te auxiliar nas tarefas escolares e, principalmente, para que, em breve, tenhas acesso a um estágio ou até a um emprego! Começará aí a tua inserção no mercado de trabalho! Aí eu vou poder comprar meu lanche? perguntou ele. Vários, complementei!

Quando os levei para uma visita aos laboratórios e salas dos cursos do IFSul, percebo encantamento desses jovens por *simplesmente estarem ali*, diante de algo que até então, para eles, era inatingível. Então perguntei: algum de vocês vai querer fazer um curso técnico? *Eu quero fazer mecânica, disse um; eu, eletrônica, um outro disse... eu quero um que me dê um emprego... risos.* Hoje, vejo o quanto contribuímos para o fortalecimento dos sonhos desses garotos e garotas, o quanto a semente da esperança e das possibilidades foram germinando com o passar do tempo. Hoje, já jovens e adultos, conseguem perceber que não há barreiras quando o sonho perseguido é o ideal de uma vida melhor, mais digna. Uma vida que devolva sua autoestima, valorize sua identidade.

O acesso à Internet e a multiplicidade de diferentes usos como pesquisa, investimentos e comércio eletrônico, interatividade na rede, troca de mensagens como outro lado do planeta são, hoje, atividades comuns no mundo inteiro. A Sociedade da Informação não é um modismo, pois é considerada como um paradigma técnico-econômico, ou seja, um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades econômicas e sociais.

Segundo Baggio (2005, p.95), “para um programa de Inclusão Digital avançar, ele precisa de autonomia financeira real e um planejamento consistente, além de estar envolvido com a realidade de cada comunidade”. Além de ressaltar que um projeto deva ser sustentável como modelo educacional e oferecer liberdade

ao indivíduo como um cidadão, tais objetivos precisam ser validados através da inclusão social. Para Baggio(2008)<sup>5</sup>,

O computador e a Internet devem servir como ferramentas de libertação do indivíduo, de autonomia do cidadão. Inclusão Digital sustentável é ter um modelo em que as pessoas da comunidade possam ser os gestores e os educadores, e esta apropriação de gestão deve gerar autonomia. É ter um modelo de acompanhamento contínuo de resultados, avaliação de impacto social e de capacitação e isso é fundamental para gerar projetos com continuidade real. Não é a técnica pela pura técnica. Quando a gente pensa efetivamente de forma global, a inclusão digital gera resultados rápidos e impactantes de inclusão social – finaliza (BAGGIO, 2008).

A próxima pergunta tem como objetivo permitir que os alunos e alunas das Casas de Acolhimento possam discorrer sobre situações ou assuntos que não estejam contemplados nas perguntas anteriores.

**Pergunta 4: Gostarias de deixar registrado algo que tenha te marcado durante o desenvolvimento do Projeto? Em caso afirmativo, descreva-o.**

**Aluno 1:** *O que nos ajudou muito foram as outras atividades, o esporte, a dança e principalmente a música. Quando começamos a ter aulas de percussão e violão, conhecendo diversos instrumentos e despertando para o canto e o uso destes instrumentos. O envolvimento foi tanto que no final de cada semestre passamos a fazer uma apresentação musical, junto com o professor de música e o coordenador do Projeto. Em seguida, lá na Promotoria (Ministério Público), montamos a Banda da Promotoria, fazendo apresentações em diversos eventos. Queria dizer que eu acho que a gente, pelo menos eu, saía sempre melhor, quando eu digo melhor, eu digo fisicamente, mentalmente desse Projeto. Entre todos os projetos que a gente ia... ia quando estava institucionalizado, eu acho que depois desse a gente voltava uma*

---

<sup>5</sup> Rodrigo Baggio. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/inclusao-digital-despreparo-assistencialismo-sao-desafios-no-brasil-dizem-especialistas-486153.html>>.

*peessoa melhor, voltava como uma pessoa normal, uma pessoa diferente, com conteúdos diferentes, fora daquele contexto geral que é a instituição, a escola regular. Eu acho que a gente voltava com uma outra perspectiva de vida e, sem dúvida, mais tranquilo, eu acho que essa é a maior conquista, além da... lógico que além do conteúdo, né, mas acho que a conquista era isso, de conhecer outros ambientes, outras áreas e ter alguma outra noção.*

A ideia da música surgiu num determinado dia nasala de aula quando chamei a atenção de um dos alunos que batucava na mesa sobre onde estava o computador que o mesmo manuseava, quando o alertei dizendo que aquele gesto poderia vir a avariar o equipamento, o que foi motivo de risos... *avarar, que bicho é esse professor?* Após esclarecer o sentido da palavra, perguntei se eles não teriam interesse em participar de um projeto de música, o que foi respondido por todos com um 'sim'. Após contato com o professor de música do IFSul, montamos um projeto, em que seriam desenvolvidas, inicialmente, atividades com instrumentos de percussão. A partir daí, acrescentamos aulas de violão e canto e, a cada oportunidade, fazíamos apresentações musicais para a comunidade. O mais importante disso tudo foi a melhora no rendimento escolar, na postura em sala de aula e até na mudança de comportamento nas Casas, segundo relato dos próprios responsáveis. Tais mudanças foram percebidas pelo próprio aluno quando nos diz: *"a gente saía sempre melhor, fisicamente, mentalmente desse Projeto... voltava uma pessoa melhor, voltava como uma pessoa normal, uma pessoa diferente, com conteúdos diferentes, com outra perspectiva de vida e sem dúvida... mais tranquilo"*.

**Aluno 2:** *As aulas de música também foram importantes, pois além de eu aprender violão e hoje cavaquinho, os professores tocavam com a gente, a gente era importante como eles. Nas formaturas fazíamos apresentação musical e todos aplaudiam, cantavam... é isso.*

Pela resposta do aluno 2, verificamos como foi importante para eles e envolver, através da música, com seus professores e demais colegas, estar no mesmo nível de apresentação cultural, de importância, pois suas apresentações eram reconhecidas pelos aplausos vindos da plateia, que muitas vezes cantava

junto, como se todos fizessem parte do mesmo grupo musical. Era, com certeza, um momento de muita empolgação, um coral coletivo! E como bem definido pelo aluno Denis: *“a gente era importante como eles”*.

**Aluno 3:** *Que as pessoas das casas participem mais desses programas e que o IFSul sempre ofereça esse tipo de Projeto para que jovens possam realizar seus sonhos, superando seus problemas, né?*

O desejo pela continuidade do Projeto devido à relevância que o mesmo representou e representa em suas vidas e na vida de outros moradores das Casas de Acolhimento nos dá a certeza do dever cumprido. A necessidade urgente de continuarmos a espalhar e promover outros Projetos de Inclusão Digital e Social a camadas tão desamparadas socialmente.

**Aluno4:** *Eu espero que esse curso continue e...continue e venha mais vezes e ajude jovens que nem eu e que nem esses meus amigos aqui. Eu acho que é isso.*

Palavras do **aluno 4**, sentado num sofá esfarelado, muito simples, na pequena sala de uma casa que divide com os amigos de lutas, histórias de vida e de superações. Como não se emocionar com a cena e as narrativas desses sujeitos?

**Aluno5:** *Acho que o convívio com alunos de verdade do IFSul, né, naquele horário, a gente era respeitado por todos e, além de aprender, se divertia muito, principalmente no futebol e nas aulas de música... era assim né... muita felicidade.*

É prazeroso perceber que o ambiente se tornou tão aprazível que o referido aluno extrapola o comentário sobre o conteúdo aprendido e se reporta aos momentos em que realmente se sentiu respeitado como ser humano, enaltecendo sua felicidade, quando diz: *“naquele horário, a gente era respeitado por todos... era muita felicidade”*.

Depois de certo tempo de desenvolvimento de práticas musicais, notamos a mudança comportamental de alguns alunos durante o desenvolvimento dos conteúdos: maior pré-disposição para o aprendizado; autoconfiança; interatividade e



participação em aula. A música realmente contribuiu para melhorar o desempenho das alunas e alunos que participaram do referido Projeto. Portanto, consideramos pertinente elencar o artigo publicado pela *Folha de São Paulo*, em 24 de setembro de 2002, intitulado “Sociedade revaloriza ouvido musical”, que afirma que a música começa a ressurgir tanto como parte importante do programa pedagógico de várias instituições particulares de ensino, quanto como aspecto fundamental da formação do indivíduo. Focaliza debates sobre a importância do estudo da música nas escolas, sua valorização no texto das novas diretrizes curriculares e até mesmo no âmbito empresarial. Ainda nesse artigo, Camargo( 2002)ressalta a importância das artes no desenvolvimento da sensibilidade, como parte de uma educação integral: “Antigamente, a educação buscava formar crianças e jovens para um futuro já conhecido, mas hoje não sabemos para que futuro preparamos as pessoas – daí a importância de ampliarmos a sensibilidade do aluno” (CAMARGO, 2002,p.9).

### **5.1.1 Análise das vozes dos alunos e alunas das Casas de Acolhimento sobre o Projeto de Inclusão Social e Digital no IFSul**

Na análise textual discursiva as realidades não são dadas prontas para serem descritas e interpretadas. São incertas e instáveis mostrando que “ideias e teorias não refletem , mas traduzem a realidade”. ( MORAES, 2004, p.199)

Ao analisarmos as vozes dos alunos e alunas das Casas de Acolhimento sobre o Projeto de Inclusão Social e Digital no IFsul, não podemos deixar de salientar que suas vozes são carregadas de outras tantas que, embora reservadas e tímidas, se reverberam através de um olhar mais atento. Eis uma forma de analisar um discurso em constante movimento e carregado de emoções e expectativas. Por mais que tentássemos transcrever o que cada aluno e aluna narrou sobre o verdadeiro sentido do Projeto em suas vidas, algo sempre irá nos fazer compreender que nossas análises será apenas uma ponta de um imenso iceberg carente de infindáveis reinterpretações. Da mesma forma, nossa posição enquanto pesquisador também se transforma e se reconstrói a partir do discurso do outro. Para Moraes e Galiuzzi (MORAES 2006), no artigo intitulado “Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas Faces verifica-se:

[...] Defende-se que esta é uma metodologia exigente, solicitando intensa impregnação do pesquisador. Este, ao longo do processo, é desafiado a reconstruir seus entendimentos de ciência e de pesquisa, no mesmo movimento em que reconstrói e torna mais complexa suas compreensões dos fenômenos que investiga. Como processo auto-organizado a análise textual discursiva cria espaços para a emergência do novo, uma tempestade de luzes surgindo do caos criado dentro do processo(MORAES, p.126, 2006)

Portanto, diante do exposto na citação supracitada e, com base nas vozes dos alunos e alunas das Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas, podemos tecer algumas deduções sobre o discurso por eles proferidos. Ratificamos que o uso do vocábulo deduções se fortalece através de uma incontestável verdade: jamais poderemos analisar além do dito externado pelos sujeitos. O que nos cabe como pesquisador é perceber todo o processo dinâmico de transformações pelos quais também passamos diante do discurso do outro que, não mais solitário ou indiferente, ressurge sedento de novas contextualizações. Como exemplo, citamos a resposta do aluno 3 quando questionado: Se tivesses que dar um conceito para o curso como um todo, como o considerarias: *“Achei ótimo, me fez sentir uma pessoa melhor e realizar alguns sonhos, é isso”*

Analisando essa concisa resposta e focando de forma mais particularizada nas expressões “sentir uma pessoa melhor” e “realizar alguns sonhos”, podemos até tentar compreender o que o aluno em questão quis de fato nos dizer “sentir uma pessoa melhor”... ou “realizar alguns sonhos”.... Porém, por mais que tentássemos discorrer sobre a intensidade do seu dito apenas ficaríamos divagando em suposições pouco relevantes. Toda a fala vem carregada de emoções, frustrações, expectativas, enfim, tudo que se torna indizível pelo outro. Poderíamos aqui discorrer sobre o quanto se torna complexo analisar as variáveis falas de nossos sujeitos, no entanto, de forma respeitosa preservamos o seu dito que, através de lacunas, reticências, silêncios e até exclamações verbalizaram muito mais do que qualquer outro tipo de análise pretendida.

## 5.2 A aprendizagem através da música

“Não há nada tão poderoso quanto o gosto musical para classificar os indivíduos e por onde somos infalivelmente classificados”.(BOURDIEU,P.1979.p.17).

Como parte da aprendizagem cognitiva desenvolvida através do Projeto de Inclusão Social e Digital com os meninos e meninas das Casas de Acolhimento utilizamos a música como espaço cultural e de interação. O mais interessante observado a partir desses momentos tão singulares foram os frutos colhidos que, de maneira inenarrável, nos fez perceber o quanto a música transformou comportamentos antes considerados tão reservados. A partir da música houve uma espécie de aproximação e de pertencimento por demais significativo.

A dedicação e o respeito que compartilhamos durante todo o Projeto desenvolvido com as crianças e jovens das Casas de Acolhimento também nos fizeram perceber que, além de todo um conhecimento científico sobre a música como fator preponderante da aprendizagem, o que aqui não cabe aprofundar, nada teríamos conquistado se não tivéssemos nos deixado contagiar e cativar pelas histórias de vida e de superação daqueles sujeitos.

A utilização da música como parte da aprendizagem contida no projeto também nos faz lembrar o que Bourdieu chama de cultura erudita, ou seja, aquela que não é transmitida pela escola, mas que pode, de maneira muito singular, promover e facilitar outras aprendizagens: "a instituição escolar dá um valor cada vez mais elevado à cultura livre...à medida em que os níveis mais altos de escolaridade são atingidos."(BOURDIEU,P.1979.p.22).

Isso de fato ocorreu com a inserção da música no currículo do projeto e, para nossa surpresa e satisfação, outros horizontes despontaram facilitando aprendizagens não só desses meninos e meninas, mas, acima de tudo, a nossa como professor que faz da sua prática docente um eterno e incansável aprender.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Inclusão Social e Digital foi um sonho realizado com o auxílio de muitas mãos, e foi justamente esse entrelaçar de propósitos que transformou a vida de muitas crianças e adolescentes abrigados nas Casas de Acolhimento da cidade de Pelotas. Portanto, podemos dizer que o referido Projeto pode ser definido por meio de um verso do cantor Raul Seixas: “Um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Hoje, após transcorrer tantos anos do Projeto, encontramos-nos com esses meninos e meninas, já adultos e amadurecidos, buscando outros sonhos e motivos para continuar sonhando. Moram juntos, num ambiente familiar construído por eles, numa casinha simples localizada num bairro de Pelotas. Nesse lugar, eles se protegem e se encontram mais fortes e motivados a superar os entraves que a vida oferece como teste constante de superação diária. Percebemos que, hoje, essas crianças cresceram e, com eles, a força que os transformou em gigantes, driblando os traumas do passado. Suas cicatrizes – marcadas pelos maus tratos e abandonos sofridos –, hoje, são motivo de pertencimento e de possibilidades futuras. Hoje, todos esses alunos estão trabalhando e estudando e isso nos faz compreender que, muitas vezes, o pouco que pensamos estar realizando é o tudo que o outro necessita para validar sua autoestima. O Projeto em si não teve e nunca terá seu término, porque a vida é constituída de permanentes projetos. Se hoje podemos vê-los realizados e felizes, não devemos desconsiderar o quanto de experiências eles também nos ensinaram a cada dia. As expectativas de sucesso do Projeto de Inclusão Social e Digital desenvolvido nesses espaços superou nossas expectativas pois, no momento em que o acolhemos, respeitando suas especificidades e trajetórias, com a mesma intensidade, também fomos recompensados como pessoa. Enriquecemo-nos mutuamente e o resultado do Projeto são os frutos que continuam sendo colhidos por esses sujeitos. A aprendizagem foi acolhida e, com certeza, professores, alunos e coordenadores deixaram o Projeto com a mais valiosa das lições: sempre podemos fazer a diferença na vida de alguém!

São iniciativas simples, desafios diários e enfrentamentos próprios da diversidade que, muitas vezes, não compreendida de forma respeitosa, é a grande causa de exclusão desmedida e desumana.

A realização deste trabalho representou apenas uma das muitas formas singulares de olhar o outro, respeitando sua história... uma forma de amenizar as feridas adquiridas pelas infinitas formas de violência e, também as nossas, tantas vezes abertas pela própria negação do outro. Portanto, não podemos falar do Projeto como algo acabado, porque as sementes plantadas continuam a germinar em nossos corações, principalmente, no meu, que me faz sorrir toda vez que os encontro inflados e motivados diante de outras tantas expectativas. Portanto, deixo aqui algumas inquietações que preciso compartilhar, uma vez que a experiência com o Projeto de Inclusão Digital e Social fez-me perceber, bem de perto, alguns entraves quando nos referimos à educação inclusiva: precisamos estreitar os laços com a diversidade, pois, somente assim, deixaremos de nutrir alguns pré-conceitos em relação à convivência com os diferentes; precisamos nos desarmar não só como educadores, mas, acima de tudo, como pessoas para podermos transformar a educação frente a uma sociedade tão excludente. Por isso, nunca devemos pensar em um determinado projeto como algo transitório e pontual, pois o que realmente define “o ser professor” é sua capacidade de ultrapassar os muros da escola e validar a identidade de seus sujeitos.

## Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, G. M.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S.; MARTINELLI, C.C. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO; BID, 2002.

AFONSO, Carlos A. Internet no Brasil: o acesso para todos é possível? In: CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. (A Era da informação: economia, sociedade e cultura).

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ARAÚJO, Lucimar G. C. *O processo de inclusão digital no Brasil: avanços e lacunas*. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação [Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais] – Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Disponível em: <[https://ence.ibge.gov.br/images/ence/doc/mestrado/dissertacoes/2015/Dissertacao\\_lucimar.pdf](https://ence.ibge.gov.br/images/ence/doc/mestrado/dissertacoes/2015/Dissertacao_lucimar.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ARAÚJO, C. M., OLIVEIRA, M. C. S. L. Contribuições de Bourdieu ao tema do desenvolvimento adolescente em contexto institucional socioeducativo. *Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP* - 8(2), São João del-Rei, julho/dezembro. 2013

BAGGIO, Rodrigo. A sociedade da informação e a info exclusão. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, V.29,p.16- maio/ago/2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo:Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Dialogismo e polifonia*. São Paulo, 2009.

BORDIEU, P. (2001). *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BORDIEU, P. (2002). A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura (Gouveia, A. J., Trad.). In Nogueira, M. A. & Catani, A. (Orgs.). *Escritos e Educação*(pp. 39-64). Petrópolis, RJ: Vozes.

BORDIEU, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas* (5a ed.). São Paulo: Perspectiva.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos da educação*. 10. ed.Petrópolis: Vozes, 2008.

CAMARGO, P. Sociedade revaloriza ouvido musical. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 2002, p. 9-14. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u122.shtml>>.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

CASTELLS, Manuel – *A sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007

DIOS, V.C. Droga, família, escola e o grupo de pares no processo de socialização de crianças e adolescentes em situação de rua. In: CARVALHO, D.B.B.; SILVA, M.T. (Orgs.). *Prevenindo a drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua: a experiência do PRODEQUI – Cadernos do PRODEQUI 1*. Brasília: MS/COSAM; UnB/PRODEQUI; UNDCP, 1999.

EMYGDIO, Roberto Ferreira. *Projeto A Vez do Mestre*. Monografia [Pós-Graduação Latu Sensu em Tecnologia Educacional] – Universidade Candido Mendes, 2004.

Disponível

em:<<http://www.avm.edu.br/monopdf/31/roberto%20ferreira%20emygdio.pdf>>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da tolerância*. Org. e notas: Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, R. Cérebros afinados: massa cinzenta auditiva revela segredos do talento musical. *Galileu-Ciência*, n. 132, p. 67-71, nov. 2002.

GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_ *Como elaborar projetos de pesquisas social*. São Paulo. Atlas, 1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000021542204122015225529461268.pdf>>.

JERSILD, A.T. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIRELES, Ceres Mari da Silva. *Das artes e ofícios à educação tecnológica: 90 anos de história*. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2007. – 136 p.

MORAES, M.C. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, R., GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

SANICOLA, L. *As dinâmicas de rede e o trabalho social*. São Paulo: Veras, 2008.

SANTOS, R.M.S. A natureza da aprendizagem musical e suas implicações curriculares – análise comparativa de quatro métodos. *Fundamentos da Educação Musical*, Porto Alegre, Série Fundamentos 2, p. 7-112, 1994.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *INFORMARE – Caderno do Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação*. v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995

SZYMANSKI, H. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Plano, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WARSCHAUER, M. B. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. São Paulo: Ed. SENAC-SP, 2006.



**ANEXO I****Entrevista com os administradores das Casas de Acolhimento**

- 1) Como você definiria o comportamento dos alunos das Casas de Acolhimento antes e depois do Projeto de Inclusão Digital e Social?
- 2) Você acredita que o Projeto de Inclusão Digital e Social foi um diferencial na cidade de Pelotas?
- 3) Como você definiria a autoestima dos alunos antes e depois do Projeto de Inclusão Digital e Social?
- 4) Teria uma situação pontual ocorrido durante o Projeto que gostaria de descrever?
- 5) Para você, o que representa ser administrador de uma Casa de Acolhimento?

**ANEXO II****Questionário aos alunos participantes do Projeto de Inclusão Social e Digital**

**1)** Na tua opinião o curso oferecido pelo IFSul sobre inclusão digital atendeu tuas expectativas enquanto aluno participante do Projeto?

A) ( ) Sim

B) ( ) Não

C) ( ) Em parte

**2)** Se tivesses que dar um conceito para o curso como um todo, como o considerarias?

A) ( ) bom

B) ( ) péssimo

C) ( ) regular

D) ( ) ótimo

**3)** O curso possibilitou tua inserção no mercado de trabalho?

A) ( ) sim

B) ( ) não

C) ( ) em parte

**4)** Gostarias de deixar registrado algo que tenha te marcado durante o desenvolvimento do Projeto? Caso afirmativo, descreva-o.

## IMAGENS



Imagem 1

Fonte: Autoral



Imagem 2

Fonte: Autoral



Figura 3  
Fonte: Autoral



Imagem 4  
Fonte: Autoral



Imagem 5

Fonte: Autoral



Imagem 6

Fonte: Autoral





Imagem 7

Fonte: Autoral



Imagem 8

Fonte: Autoral



Imagem 9  
Fonte: Autoral



Imagem 10  
Fonte: Autoral



=

Imagem 11

Fonte: Autoral



Imagem 12

Fonte: Autoral